

CORAÇÃO E AURA



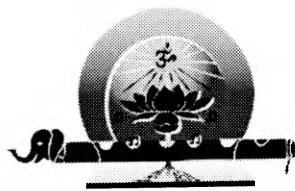
**SRILA BHAKTI RAKSAK
SRIDHAR DEV-GOSWAMI MAHARAJ**

Rainswater

Wetland grass



CORAÇÃO E AURA



**SRILA BHAKTI RAKSAK
SRIDHAR DEV-GOSWAMI MAHARAJ**

© Copyright 1999 - Sri Chaitanya Saraswat Math

Todos os Direitos Reservados pelo
Sevaite-Presidente-Acharya da
Sri Chaitanya Saraswat Math, Navadwip

Publicado no Brasil pelo

O CLUBE DO LIVRO VAISNAVA

Rua Mario de Andrade, 108
Caucaia do Alto, Cotia, SP
06720-000

Título no original em inglês:
“Heart and Halo”

Junho de 1999

Os editores gostariam de expressar sua sincera apreciação e gratidão aos seguintes Vaisnavas por sua participação com os recursos necessários à produção desta edição:

Adwaita Prabhu, Amiya Krishna Prabhu, Ana Maria de Moraes Preto, Ananga Krishna Prabhu, Anantadeva Prabhu, Anantaram Prabhu, Ananya DD, Antaratma Prabhu, Bhuvana Mohan Prabhu, Doyamoy Prabhu, Estela B. Foggetti, Fernanda Longo Vilalba, Gelson Bini, Giridhari Prabhu, Govinda Mohini DD, Homero L. Santos, Isa Sakti DD, Jaya Sri DD, Jivana Krishna Prabhu, Juliana Ramos Miguel, Kirtan Lilamoy Prabhu, Kalindi DD, Kamal Sundari DD, Locananada Prabhu, Madhavi DD, Mani Moyee DD, Nadyarani DD, Nagendra Prabhu, Nimay Sundar Prabhu, Nityadas Prabhu, Palak Krishna Prabhu, Panchatatwa Prabhu, Premavati DD, Priyotama DD, Radhika Priya DD, Rama Sudnar Prabhu, Ricardo de Sá, Rohini Shakti DD, Sindhu Kanya DD, Sri Niddhi Prabhu, Syam Chand Prabhu, Vijayaksa Prabhu, Visvavandya Prabhu, Yamuna DD, Yogiraj Prabhu.

CORAÇÃO E AURA

COMPILEADO DE CONVERSAS INFORMAIS DE
SUA DIVINA GRAÇA

**SRILA BHAKTI RAKSAK
SRIDHAR DEV-GOSWAMI MAHARAJ**

COM SEUS DISCÍPULOS
ENTRE 1981 E 1985

PUBLICADO SOB OS AUSPICIOS DO
PRESIDENTE-ACHARYA

**SRILA BHAKTI SUNDAR GOVINDA
DEV-GOSWAMI MAHARAJ**

TRANSCRITO E APRESENTADO EM INGLÊS POR
SRIPAD B.S. TRIDANDI MAHARAJ

TRADUZIDO AO PORTUGUÊS,
REVISADO E EDITADO POR

**INDHUMUKHI DD E
BHUVANA MOHAN DAS**

1999

SRI CHAITANYA SARASWAT MATH

ÍNDICE

Prefácio, 7

PARTE UM

A Alma e o Refúgio Supremo, 11

A Chave Está em Suas Próprias Mão, 11

Jornada ao Centro, 18

O Verdadeiro Julgamento do Amor, 28

PARTE DOIS

O Caminho Para o Lar, 39

Ilusão, Divindade e o Verdadeiro Devoto, 39

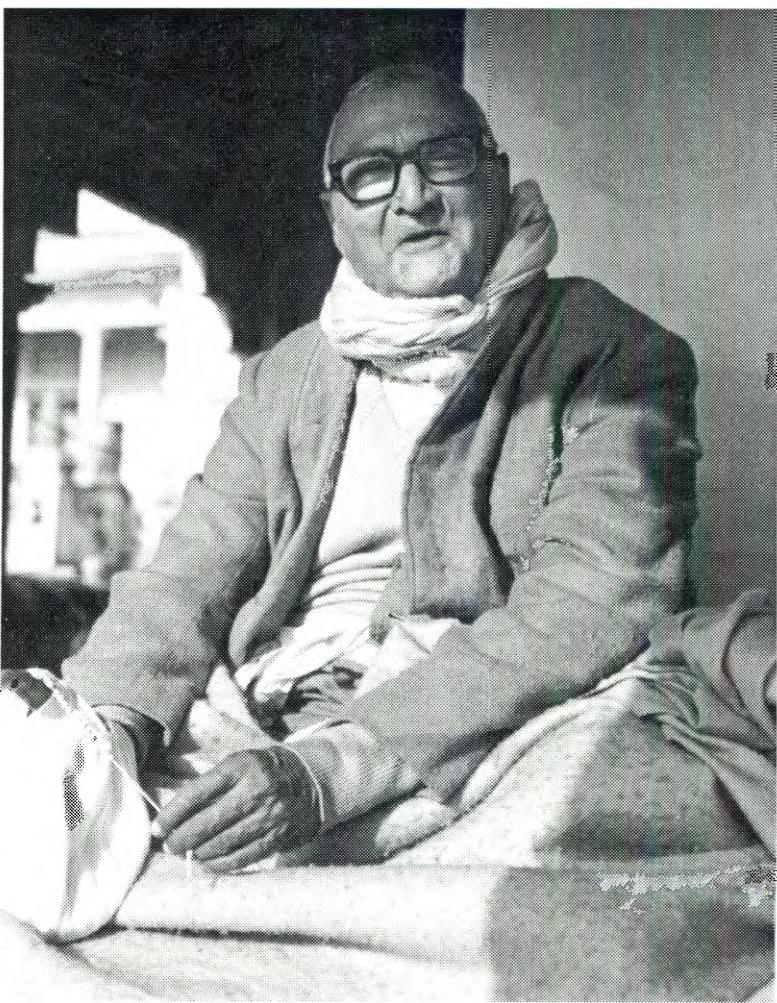
Conhecimento Transcendental, 50

A Mais Doce Luta, 54

Coração e Aura, 67



Srila Bhakti Sundar Govinda Dev Goswami Maharaj
Presidente-Acharia da Sri Chaitanya Saraswat Math



Srila Bhakti Raksak Sridhar Dev-Goswami Maharaj

PREFÁCIO

(Da Edição em Inglês)

É um privilégio e uma grande fortuna poder apresentar mais uma vez as palavras nectáreas que emanaram dos lábios de Sua Divina Graça Om Visnupada Paramahamsa Sri Srila Bhakti Raksak Sridhar Dev-Goswami Maharaj para o público de língua inglesa. Esperamos que estas suas palavras penetrem no coração de todas as boas almas, bem como animem os praticantes na senda de *bhakti*. Algumas pessoas gostam de ler um livro por curiosidade, outras com interesse aguçado porém olho crítico, enquanto outras ainda, tencionam beneficiar-se pelo fruto de seu estudo, e é a esta classe à qual apelamos principalmente na presente obra. A mundialmente bem-sucedida recepção de nossas publicações anteriores encorajou-nos nessa tentativa. Srila Guru Maharaj escreve em seu livro *Sri Sri Prapanna-jivanamrtam*, 1.8:

*yathokta rupa-padena, nicenotpadite 'nale
hemnah suddis tathaivatra, virahartti-hrtih satam*

“Assim como Srila Rupa Goswami em sua humildade expressou que o ouro pode ser purificado com o fogo aceso por um bárbaro, similarmente, a tristeza do devoto puro oriunda da separação do Senhor também pode ser

dispersada por este livro.”

Os ensinamentos de Srila Sridhar Maharaj já estão vivendo nos corações e lares de muita, mas muita gente no mundo atual, na forma de livros e de fitas cassete e de vídeo. A doce vibração de seu *kirtana* na forma de *Hari-katha* continua a se expandir aos limites do universo. Srila Sridhar Maharaj foi certa vez descrito como “um homem de mente eterna” – esse era o sentimento daquelas pessoas suficientemente afortunadas para ouvi-lo falar sobre o mundo espiritual. A precisão de sua representação das conclusões devocionais, a clareza de suas análises teológicas e ontológicas, a espantosa eficácia e simplicidade de suas analogias, junto com a extraordinária combinação de gravidade e às vezes simplicidade semelhante à de uma criança, marcaram-no como verdadeiramente único. Sentíamos que era a pessoa mais genuína que jamais poderíamos encontrar. Seu próprio Guru Maharaj, Srila Bhakti Siddhanta Saraswati Thakura, referia-se a ele como “um homem de substância”. Não admira então que devotos viessem de terras longínquas para estar com ele e obter seu julgamento final e confiável sobre algum assunto de relevância. Mesmo muitos daqueles que foram colocados em “oposição” a ele eventualmente não conseguiam evitar de se sentirem encantados. Quando ele mesmo perguntou certa vez a um desses cavalheiros porque, mesmo mantendo esse estado mental antagônico, ainda continuava a visitá-lo regularmente, o homem respondeu: “Por causa de sua inteligência profunda, bom senso confiável e natureza desinteressada”.

Este livro é uma seleção de palestras informais

gravadas no seu Templo-ashram Sri Chaitanya Saraswat Math, entre 1982 e 1985. O título do livro “Coração e Áura” é a doce expressão do próprio Srila Sridhar Maharaj para descrever o *bhava* e a *kanti* de Srimati Radharani, a suprema metade predominada, consorte da Suprema Personalidade de Deus, Sri Krishna. Certa vez, quando Sua Divina Graça procurava por uma expressão adequada para descrever as qualidades internas e externas dElas, os devotos presentes à sua palestra na ocasião tentaram fornecer expressões apropriadas: “estado de espírito e brilho”, “sentimento e refulgência”, e diversas outras versões que lhe foram apresentadas, mas, a cada vez, Srila Sridhar Maharaj meneava insatisfeito sua cabeça. De repente, com um sorriso iluminando suas feições, levantou a cabeça e disse docemente: “Coração e Áura”.

Oferecemos nossos *dandavat pranams* especialmente a Sua Divina Graça Srila Bhakti Sundar Govinda Dev-Goswami Maharaj, o querido sucessor de Srila Bhakti Rakshak Sridhar Dev-Goswami Maharaj e atual Presidente-Acharya do Sri Chaitanya Saraswat Math, mundialmente. Sob sua proteção, afeição e inspiração, está florescendo uma nova geração de devotos. Que essa geração possa seguir adiante no mundo carregando a eterna mensagem de Srila Sridhar Maharaj a todos cantos.

Gostaríamos de expressar pessoalmente nossa gratidão a todos aqueles que auxiliaram este trabalho em seus vários estágios até ficar completo, especialmente Sripad B.A. Sagar Maharaj, Sripad B.P. Janardan Maharaj, Sripad B.C. Parvat Maharaj, Sri Srutasrava Prabhu, Sri Sarvabhavana Prabhu, Sri

Navadwip Prabhu, Sri Jagadbhanda Prabhu, Sri Aditinandan Prabhu, Sri Lalita Charana Prabhu, Sri Narahari Prabhu, Srimati Swarnangi Devi Dasi, Srimati Anupama devi dasi, Srimati Sita Devi Dasi, Srimati Tilaka Devi Dasi e Srimati Dikshavati Devi Dasi.

Pedimos desculpas se permanecerem quaisquer erros de qualquer tipo nesta obra apesar de todos os esforços para erradicá-los.

Hare Krishna
Swami B.S. Tridandi
Saphala Ekadashi
18 de dezembro, 1995

PARTE UM

A ALMA E O REFUGIO SUPREMO

A CHAVE SE ENCONTRA EM SUAS PRÓPRIAS MÃOS

Existe consciência do mundo superior e subjetivo e consciência do mundo inferior e objetivo. A conexão ao mundo inferior e objetivo nos vincula à miséria, e o relacionamento com a consciência superior nos eleva, nos concede a verdadeira fortuna. Obtém-se um resultado por meio da dedicação, e outro por meio do desfrute. Dito em poucas palavras: desfrute é ruim, e devoção é bom. Do lado da devoção encontra-se o Senhor, e no do desfrute, a miséria. O fascínio com o inferno, com a reação leva-nos a pensar que: “Há tantas coisas para serem desfrutadas”.

*bhaktis tvayi sthiratara bhagavan yadi syad
daivena nah phalati divya-kishora-murtih
muktih svayam mukulitanjali sevate ‘sman
dharmartha-kama-gatayah samaya-pratikshah*
(Krishna-karnamrta 107)

Em seu livro *Krishna-karnamrta*, Bilvamangala Thakura diz: “*bhaktis tvayi sthiratara bhagavan yadi syat*, Meu Senhor, se minha dedicação e minha veneração por Você forem permanentes, estiverem situadas num estágio definitivo, *daivena nah phalati divya-kishora-murtih*, e se alcançarem tal elevação que se possa encontrar *divya-kisora-murtih*, um jovem casal ocupado naquele passatempo mais elevado – se pudermos chegar tão alto ao ponto de descobrirmos os passatempos eternos do Casal Divino, se conseguirmos chegar até esse ponto – então, encontraremos *muktih svayam mukulitanjali sevate ‘sman*, Oh! A facilidade para a liberação, a emancipação, virá com de mãos postas servir-nos de qualquer maneira que prefiramos. E, *dharmartha-kama-gatayah samaya-pratikshah*: *dharma*, os resultados de se cumprir com o dever; *artha*, de se ganhar dinheiro; e *kama*, os objetos da percepção sensorial – estarão todos prontos e esperando do lado de fora, e, sempre que houver um chamado, virão diante de nós: ‘O que deseja, meu mestre e senhor?’ Esta será nossa posição: *dharma*, *artha* e *kama* esperarão do lado de fora, e, sempre que os chamarmos, apresentar-se-ão dizendo: ‘O que deseja que eu faça?’ E *mukti*, a liberação, estará sempre andando à nossa volta, com de mãos postas, fazendo serviços de vários tipos, isso tudo se por nossa fortuna conseguirmos nos

elevar a uma tal altura que encontremos o Casal Divino ocupado em passatempos felizes”.

Bilvamangala Thakura mostrou em sua própria vida um exemplo peculiar: como, da casa de uma prostituta, ele foi direto para Vrindavan e recebeu a graça da Entidade Suprema; como, em sua vida, ele ficara tão absorto e quase fora engolido pelo sensualismo do tipo mais decaído; e, daquela posição e numa única vida, ele pôde se elevar ao estágio mais elevado de realização do Belo.

Mahaprabhu trouxe dois livros do Sul da Índia: um era o *Brahma-samhita*, e o outro, o *Krishna-karnamrita*. O *Krishna-karnamrita* lida com os passatempos de Vrindavana, e o *Brahma-samhita* mostra o fundamento ontológico do Absoluto, mostra como o Senhor de Vrindavan é a concepção mais elevada da Realidade.

O *Krishna-lila* não é um assunto histórico. Na história, os eventos ocorrem uma vez e não podem ocorrer novamente em momento algum. Trata-se de um fluxo eterno no qual o que acontece no passado jamais acontece de novo. Existe a expressão de que “a história se repete”, mas isso ocorre apenas em termos de semelhança do evento, e não do fato em si; a história repete sua natureza, mas o que passou, passou. Uma vez que tenha passado, passou para sempre. Mas não é assim no *Krishna-lila*, no mundo eterno. A mesma coisa poderá se apresentar a cada vez, a cada segundo; por isso é chamada de *nitya-lila*, ou “passatempos eternos” – vai além dos limites e da jurisdição da história. Em termos de história, o passado está morto. Mas os passatempos do Senhor são eternos, *nitya*, estão sempre presentes. Cada *lila* está eternamente presente;

Ele pode Se mostrar em Suas formas eternas simultaneamente. Desse modo, todos os eventos estão ocorrendo simultaneamente em Seu passado, em Seu presente e em Seu futuro. Quando Ele entra na arena de Kamsa, diferentes grupos O estão vendo de diferentes maneiras. O que é visto por um grupo de pessoas é visto diferentemente por outro grupo, conforme sua própria natureza. Se Ele o quiser, até mesmo os cegos podemvê-lo. Se Ele quiser Se mostrar a alguém, mesmo que esse alguém seja cego, ele poderávê-IO claramente, porque não são necessários olhos de carne paravê-IO. Ele pode Se revelar a qualquer pessoa tão-só por Sua vontade. Esse foi o caso com Dhritarastra, o rei cego, no *Kuru-sabha*. Dhritarastra disse: "Por enquanto, meu Senhor, restabeleça minha visão para que possa enxergar Sua forma maravilhosa que os demais estão vendo e louvando. Você pode fazer qualquer coisa, assim, apenas por enquanto, remova minha cegueira".

"Não é necessário remover sua cegueira, Dhritarashtra! Eu digo: "Veja-me" e você me verá". E por Sua ordem, Dhritarashtra viu! Sua ordem, Seu desejo é tudo. Sua simples vontade é tudo, a causa mesma de toda existência.

Os Kurus queriam ver Draupadi nua, porém o apelo de Draupadi chegou até Ele e Ele liberou tecido, e esse tecido ficou infinito, obteve um caráter infinito. Quanto mais tecido removiam, mais tecido sobrava. A vontade, o *vichara*, é tudo. Tamanha potência encontra-se na Causa Primordial e numa qualidade tão elevada. Estamos acostumados a pensar que, "Isto é bom, e aquilo é ruim", e que "isto é possível, e aquilo é

impossível". Estamos acostumados a tais considerações em nossos padrões de pensamento. Mas esses padrões não se aplicam no caso dEle. Toda nossa experiência falhará ao se ocupar até mesmo numa parte negligenciável de Seu Reino.

Ele é maravilhoso. No exemplo de Vamanavatara, conta-se sobre Seu "maravilhoso passo amplo", *adbukrama*. Com um passo, Ele cobriu a Terra inteira, e com o seguinte Ele capturou todo o firmamento. Então, Ele precisava encontrar um local onde pôr Seu terceiro passo, mas aonde seria isso? Ele é *adbukrama*, Aquele que tem um maravilhoso passo amplo; todos Seus passos são maravilhosos. Ele é o prodígio e a fonte de todo prodígio para nosso pequeno cérebro. Ele está aqui, mas Ele também se encontra em todo lugar. Com Sua representação plena, Ele se encontra em todo lugar; entretanto, Ele não se encontra em lugar algum! Tudo se encontra nEle, e nada se encontra nEle! Krishna disse: "Tente compreender Minha posição peculiar, Arjuna". Ele é o Mistério dos mistérios. Até mesmo nossa própria alma é espantosa para nossa experiência mundana:

*ascaryavat pashyati kashcid enam
ashcaryavad vadati tathaiva canyah
ascaryavac cainam anyah shrnoti
shrutvapy enam veda na caiva kashcit*
(*Bhagavad-gita* 2.29)

Sequer conhecemos a natureza extraordinária de nosso próprio eu. Ele é de uma ordem muito elevada, mas nossa atenção está focada em tantas coisas

mortais; fomos introduzidos e capturados pelo mais sórdido aspecto do mundo. Isso é consequência do humor de desfrute. Queremos desfrutar, queremos explorar. O bom explorador é um rei para nós! Mas a exploração em si é degradante, é muito sórdida e baixa. Ela nos leva à posição mais baixa e nos torna vítimas de uma grande reação.

Exploração e desfrute: estamos em meio a isso e nada conhecemos além do desfrute. Queremos compreender qualquer coisa e a tudo em termos de desfrute; estamos numa posição tão corrupta e degradada assim. Exploração é apenas “desfrute, desfrute”. Mas explorar é o tipo de natureza mais sórdida, é detestável. Devemos nos livrar das garras desse fantasma da exploração. E existe ainda outro fantasma: o da renúncia, da inatividade. Mas a coisa nobre é a dedicação, é uma vida de dedicação.

Existem dois fantasmas, o da renúncia e o da exploração, e precisamos sair desse pesadelo, dessa mania que se baseia em nossa tendência de avaliarmos as coisas em termos de bem ou mal. A exploração divide-se em regular e irregular, ou *dharma* e *adharma*.

E, depois, vem a renúncia. Tantos grandes baluartes dessa concepção recomendaram o completo cessar da vida dinâmica. Uma interrupção total! Mas essa não deveria ser a perspectiva de qualquer pessoa consciente. Uma interrupção total da vida seria algum tipo de meta de vida para o grupo de pessoas mais sadias?

A forma de vida mais elevada é uma vida nobre, uma vida de dedicação e não só uma dedicação comum ao ambiente, mas a dedicação ao bem mais elevado. No estágio inferior, essa dedicação é calculista; no

estágio superior, é espontânea e automática. E o júbilo existe realmente. O júbilo se encontra lá na qualidade e na quantidade; de qualquer modo, a vida verdadeira encontra-se lá. A vida encontra-se lá, e, aqui, encontra-se a pior das sombras, o reflexo pervertido. E nos é dito que *uddhared atmanatmanam*, a chave, a liberdade com a qual podemos nos associar a tudo o que seja bom ou seja ruim e colhermos o resultado apropriado, essa chave está em nossas mãos.

Finalmente, nos dizem que a chave está em nossas mãos; ninguém mais deve ser culpado por nossa condição atual. Mas há sempre a possibilidade de sermos alcançados por uma ajuda nobre, e devemos aceitá-la. Também, somos bastante influenciados por nossas ações passadas – tenham estas sido boas, ruins, ou de uma aspiração eterna: *sukrti*. Mas, em última análise, não perdemos a liberdade de ação em estágio algum; mesmo se formos reduzidos ao nível de ter de aceitar nascimento como uma árvore, lá também, a liberdade se encontra dentro de nós. É difícil concebermos que uma árvore tenha independência, livre arbítrio, mas este se encontra lá, numa posição reprimida. A liberdade também se encontra em nós, e poderemos tentar ao máximo possível compreender como isso acontece, mas nossa liberdade também se encontra encoberta por tantas condições que poderemos pensar que não somos livres mas que somos forçados pelas circunstâncias. Porém, ainda assim, somos livres para escolher qualquer senda, boa ou ruim. Nossa existência é muito pequena e portanto nossa liberdade também é pequena e parca, mas encontra-se lá. Embora seja quase negligenciável, ela existe.

JORNADA AO CENTRO

Em geral, se toda nossa atividade for interrompida pelo clima desfavorável, pensaremos: "Isso é muito ruim!" Somos pessoas de ação, pessoas que exploram o meio ambiente e a natureza para coletar alguma energia. Estamos sempre tentando coletar alguma energia para nosso próprio uso. Essa é nossa natureza. A natureza mesma daqueles que vivem no mundo mortal é de coletar cada vez mais energia e riqueza que possam ser utilizados num momento de necessidade. Se há qualquer impedimento nesse sentido, pensamos se tratar de uma circunstância muito ruim, em oposição ao objetivo de nossa vida. Mas, para lembrar-nos da importância de nossa riqueza interna, somos alertados de que a natureza externa não poderá nos fazer tanto mal quanto nossa natureza interna, isto é, nossa apatia em coletar mais riqueza para nossa existência interna, para o eu interior. Estejam atentos quanto a isso!

Perder coisas deste mundo material não é mau; tudo está indo e vindo. O próprio corpo, o centro de toda essa atividade, também desaparecerá. Então, qual a necessidade de coletar tanta energia em conexão ao corpo? Portanto, desperte sua alma, a verdadeira pessoa interna; procure-a e tente auxiliá-la. Isto somente é possível com a ajuda do *sadhu* (o santo e sábio).

O dia em que não encontramos algum santo, ou mantivemos alguma conversa sobre o verdadeiro

propósito da vida, da vida interna, da substância interna, nesse dia somos perdedores. Esteja consciente disso. Em todos os aspectos e por todos os meios possíveis, fique atento a seu próprio aprendizado, cuide de seu próprio interesse e encontre seu próprio ser. Não ligue para o mundo e as circunstâncias externas e mergulhe profundamente na realidade, no mundo interno. Descubra seu eu interior e o mundo interno onde ele vive, onde seu eu interior está vivendo. Tente encontrar seu Lar, tente voltar a Deus, de volta ao Lar. Sua energia deve ser utilizada para ir para o Lar e não para vagar em outro país, no país da morte. Tente evitar a terra da morte a todo custo; tente sempre encontrar o solo eterno, aquele solo ao qual você pertence. Tente compreender o que é o seu Lar e porquê é seu Lar. Conforto do Lar: o que significa isso? Significa nosso local de nascimento – o local onde nascemos.

No *Srimad Bhagavatam* encontramos este verso:

*satam prasangan mama virya-samvido
bhavanti hrt-karna-rasayananah kathah
taj-josanad ashvapavarga-vartmani
shraddha ratir bhaktir anukramishyati*
(*Srimad-Bhagavatam* 3.25.25)

“As conversas a Meu respeito são muito agradáveis na associação dos devotos puros e satisfazem o ouvido e o coração. Tais conversas repletas de potência espiritual são uma fonte de docura, e, por seu cultivo, abre-se rapidamente a senda da liberação da vida mundana. Nisso, atinge-se gradualmente a fé firme, a qual, no devido tempo, se desenvolve num gosto e

depois em verdadeiro amor por Mim.”

Essas palavras foram ditas pela encarnação do Senhor, Sri Kapiladeva, respondendo à Sua mãe, Devahuti, que lhe perguntara qual é a verdadeira meta da vida e como se pode alcançá-la. Devahuti era casada com um sábio, Kardama-rishi. Depois de passar alguns anos desfrutando da vida matrimonial, Devahuti concebeu em seu ventre uma criança do *rishi*.

No *Bhagavad-gita* o Senhor diz: *prajanas casmi kandarpah*, “Dentre os Cupidos, Eu sou aquele que assegura a progênie.” E, em outra parte, Ele diz: *prajanaya na rataye*, a vida matrimonial não se destina ao gozo, mas ao propósito de produzir boa progênie.

Portanto, quando fora alcançado o objetivo do casamento deles, o *rishi* propôs retirar-se da vida casada. Ele disse a Devahuti: “Você carrega uma criança em seu ventre e esta não é uma criança comum; o próprio Senhor está vindo. Assim, irei viver sozinho para satisfazer meu propósito de vida mais elevado”. Então, Devahuti respondeu: “Tenho um companheiro tão bom! Sou afortunada de ter um santo como você como esposo, mas eu não aproveitei para aprender nada com sua nobre personalidade a respeito de *brahma*, a respeito do Senhor, a respeito da necessidade da minha vida interior e seu preenchimento. Não indaguei a esse respeito. Estava apenas ocupada em servir você, satisfazendo seus desejos. Embora tivesse um companheiro tão nobre, não fiz uso dessa minha fortuna. Agora, oro para que você possa ficar por mais algum tempo para me ensinar e me ajudar em minha vida espiritual. Depois disso, você poderá ir embora”.

Kardama-rishi respondeu: “Você receberá ajuda de

seu filho. Ele é o próprio Senhor que está vindo e não uma criança comum. Lembre-se disso e, no devido tempo, você obterá dEle o auxílio espiritual. Portanto, não ficarei; partirei já". Ele partiu, mas, em pouco tempo, a criança nasceu e foi criada por Devahuti. Entretanto, devido a seu afeto maternal e à medida em que seu filho crescia, ela se esqueceu gradualmente do que o esposo lhe revelara: de que não se tratava de um filho comum.

Com o passar do tempo, quando o menino já estava crescido e se encontrava um dia absorto em meditação, Devahuti lembrou-se: "Oh, o estado de espírito de meu menino não parece ser comum!". Ela pôde compreender que Ele estava ocupado em pensamentos profundos, e considerou: "Seu pai predisse que o Senhor apareceria através de mim, e agora vejo que isso é verdade. O humor de meu filho não parece ser mundano, mas provém do alto. Sua mente se encontra absorta em pensamentos transcendentais".

Ela então aproximou-se dEle lentamente. "Menino, Seu pai me disse que Você não era um menino comum deste mundo. Você é divino. Eu queria que ele me desse conselhos espirituais, porém ele me disse que seria Você quem me aconselharia. Por tanto tempo não prestei atenção a isso, mas, hoje, Seu humor está me encorajando, está me fazendo lembrar das palavras de Seu pai e me impulsionam a me aproximar de Você em busca de conselho espiritual. Por favor, fale-me sobre a verdade espiritual. Quem sou eu? O que é este mundo? Como posso encontrar a direção certa na vida? Quem é o proprietário deste mundo, e qual é meu dever para com Ele? Você não é um menino comum, portanto,

desejo que Você me ensine todas essas coisas, minha criança". Então, este verso brotou dos lábios de seu filho, e se encontra registrado no *Srimad-Bhagavatam*:

*satam prasangan mama virya-samvido
bhavanti hrt-karna-rasayanah kathah
taj-josanad asvapavarga-vartmani
sraddha ratir bhaktir anukramisyati*
(*Srimad-Bhagavatam*, 3.25.25)

O Senhor Kapila disse: “*Satam prasangan mama virya-samvido*, conversas a Meu respeito são repletas de potência e podem apenas ser encontradas emanando dos lábios de Meus devotos. Dos lábios de Meu verdadeiro devoto não advém palavras superficiais (da boca para fora), mas palavras profundas, repletas de espírito e poder que representam a Realidade. Tais palavras não são superficiais, mas estão carregadas de espírito, de vitalidade e podem nos vivificar. *Bhavanti hrt-karna-rasayanah kathah*, elas satisfazem tanto o ouvido quanto o coração e nos concedem um gosto do júbilo espiritual, *rasayanah*. As palavras deles estão repletas do êxtase do mundo espiritual e dão colorido a nossos ouvidos, à nossa mente e a nosso coração – física e mentalmente, e também no plano de nossa alma. *Taj-josanad*, ao ouvirmos daquela verdadeira fonte, daquele verdadeiro *sadhu* – *ashvapavarga-vartmani* –, somos orientados rumo ao alívio desta vida mundana. Obtemos estas coisas num processo gradual: *sraddha ratir bhaktir anukramisyati*, primeiro vem *sraddha*, a fé sempre crescente; depois, *rati*, um leve gosto; depois conseguimos o verdadeiro amor, *bhakti*. Por meio de

anukramisyati, de um processo gradual, somos levados ao domínio mais elevado”.

Desta maneira, o menino começou a aconselhar Sua mãe, Devahuti. Esse Devahuti-nandana, Kapila, era o filho de Kardama-rishi, mas havia outro Kapila cuja filosofia *sankhya* não reconhece Deus; apenas analisa os elementos materiais, gradualmente eliminando tudo que tenha substância espiritual. Portanto, existem dois Kapilas, e ambos deram a filosofia *sankhya* (*): o filho divino de Kardama-rishi (Kardama Kapila) e o outro, Sankhyaka Kapila. Kapila, o filho de Kardama e Devahuti, apresentou o que é conhecido como *sankhya*, porém Ele reconheceu o Senhor Supremo, o Isvara, ao passo que o Kapila ateísta asseverava *Isvara-asiddhe*, não há necessidade de qualquer Deus para explicar a existência deste mundo. Essa é a conclusão dele. Os *nyayikas* (os lógicos) dizem que tem de existir Um que criou este mundo. Este mundo foi criado, portanto deve haver alguém que fez isso. Sua conclusão mais elevada é que deve haver um criador, e Ele é Deus, Isvara. Porém, o ateísta Kapila diz: “Não, não há necessidade de qualquer Deus para explicar a existência deste mundo material: *isvara-asiddhe*. A opinião dele, sua conclusão, é que não há necessidade de um criador; tudo existe automaticamente. Segundo ele, apenas duas coisas são necessárias: primeiro, uma partícula de espírito, e segundo, matéria. Shiva e Shakti, o espírito e a matéria combinados criaram este mundo. Há tantas partículas espirituais, semelhantes a partículas de areia ou poeira, e é através da combinação delas com a matéria que este mundo continua automaticamente.

Certa vez, enquanto me encontrava no Math de

(*) *sankhya*: enumerar ou contar.

Madras, conheci um cavalheiro de Madhupur que era seguidor dessa escola filosófica. Tratava-se de um cavalheiro bengali de cultura, e perguntei-lhe: “O que o senhor recebeu através de seu guru, desse Kapila?”

Respondeu-me ele que: “Existem tantas almas, *yata jiva*, e cada uma é um *shiva*, é independente desta matéria”.

Eu perguntei: “O senhor está satisfeito com essa explicação?”

“Sim, estou satisfeito: *pasa baddhah bhavet jivah, pasa muktah sada sivah* (enquanto condicionada, a alma é *jiva*, quando liberada é *shiva*).”

Disse-lhe: “Aonde sua filosofia termina começa a nossa, a filosofia da escola *Bhagavata*”.

“Como é isso?” Perguntou-me aquele cavalheiro.

“O senhor terá de explicar onde estes *shivas* existem. Tantos *shivas* existem como partículas de poeira espiritual; mas será que não devemos pensar que devem estar vivendo em alguma posição, e que deve existir algum relacionamento entre eles? Existem tantos, e algum tipo de relacionamento deve haver entre eles, e também eles têm de ficar em algum lugar, em alguma posição, em algum plano. E como são harmonizados no conjunto, ou será cada um uma unidade independente, todas lutando entre si? Se não for assim, então qual é a natureza deles? O *Bhagavata* apareceu para explicar sobre os *mukta-jivas*, as almas liberadas. Estas almas, que antes estavam doentes, agora estão livres da doença. O que fazem em sua condição saudável? Qual é a posição delas, sua característica, sua natureza, seu objetivo, seus passatempos? Precisamos conhecer isso. Desse modo, o *Bhagavatam* nos deu uma explicação”.

Devarsi Narada perguntou a Vyasadeva: “Explique

a condição normal e natural das almas liberadas que não estão doentes". E essa explicação foi dada. Existe um Centro, e todos funcionam em conexão a Ele e são harmonizados em conjunto.

No *Srimad-Bhagavad-gita*, 5.5, o Senhor diz:

*yat sankhyaih prapyate stanam
tad yogair api gamyate
ekam sankhyam ca yogam ca
yah pashyati sa pashyati*

“A pessoa que vê que os sistemas *sankhya* e ioga são uma coisa só vê de verdade.” Uma pessoa está tentando alcançar a meta última por meio da eliminação externa, e a outra, por meio da eliminação interna: “isto é corpo, isto é mente, isto é alma (*atma*), depois, superalma (*paramatma*)”, e assim por diante. A busca é toda interna. O processo de eliminação é interior. E por esse meio a pessoa tenta alcançar o cerne. E a outra pessoa está tentando compreender a Origem pela eliminação dos elementos do mundo externo (terra, água, fogo, ar, éter).

Isso é *sankhya*: *neti, neti, neti*, “Isto não é a coisa, nem isso é a coisa; isto é dependente, isto aqui também é dependente; isto não é o original, nem isso, nem aquilo. Todos são efeitos. Então, qual é a causa?” *Sankhya* consiste em indagar pelo processo externo, e ioga é fazê-lo pelo processo interno – *pranayama, pratyahara, dhyana, dharana, samadhi*. (*) Assim, pela eliminação do efeito, entramos em contato com a causa; a partir do grosseiro, iniciamos o caminho rumo ao sutil e alcançamos planos cada vez mais sutis na direção causal.

Este é o processo tanto de *sankhya* quanto de ioga.

(*) Controle da respiração, retração dos sentidos de seus objetos, concentração, meditação, plena absorção e transe.

Porém, no início do *Srimad-Bhagavatam* (2.1.6), Sukadeva Goswami, ao falar com Pariksit Maharaj, começa sua conversa dizendo que estes dois, *sankhya* e ioga, e também *sva-dharma parinisthaya* (realizar seu dever segundo os *Vedas*), todos podem nos conceder liberação, porém há algo mais:

*etavan sankhya-yogabhyam
sva-dharma-parinisthaya
janma labhah parah pumsam
ante narayana-smrtih*

Ele diz, *etavan*, por enquanto, nos é dito que poderemos alcançar a nossa liberação através destes processos: por meio de *sankhya*, da eliminação externa; por meio de ioga, da eliminação interna; e também por meio de *sva-dharma parinistaya*, do cumprimento do próprio dever conforme é recomendado nos *Vedas*. Realizar seu respectivo dever conforme a recomendação, sem nenhuma meta ou objetivo especial, é *niskama* (a ação livre de desejo pessoal). Estou cumprindo com o dever aconselhado pelo *sastra* como sendo meu dever em minha atual posição, mas o estou fazendo de maneira desinteressada, sem nenhum fim específico. Como brâmane, sou instruído: “Você deve fazer tais coisas”, portanto, as estou fazendo. Como xátria (guerreiro), meu dever é manter a paz e controlar aqueles que querem praticar o mal; esse é meu dever e o estou cumprindo. Como vaixia (comerciante), sou aconselhado a fazer isso e aquilo. Devido à recomendação da escritura, estou realizando meu respectivo dever de maneira desinteressada, isto é, sem

nenhuma finalidade ou interesse. Todos esses três processos – *sankhya*, ioga e o dever védico – nos levam à liberação (*mukti*). Porém, *janma labhah parah pumsam ante narayana smrtih*, depois que alcançamos a liberação do enredamento externo, a realização da vida é lembrar do Senhor Narayana, o Criador, e de nossa relação com Ele. Devemos sair da rede na qual nos encontramos emaranhados, e depois de conseguirmos nos livrar desse emaranhado, precisamos descobrir nosso relacionamento apropriado com a Causa Primordial. Quem somos nós em nosso relacionamento com Ele. Neste ponto, principia o *Bhagavata*:

*etavan sankhya-yogabhyam
sva-dharma-parinisthaya
janma labhah parah pumsam
ante narayana-smrtih*
(*Srimad-Bhagavatam*, 2.1.6)

Janma labhah significa realização de nossa existência, nosso nascimento; *labhah* significa o ganho, a realização, o fim. E o que é isso? *Ante narayana-smrtih*, nossa conexão, nossa reconexão com o Centro, o Centro todo-harmonizante. Essa deve ser nossa meta, e o *Bhagavatam* veio para nos dizer isso. Tantos outros *sastras* vêm para nos libertar deste aprisionamento externo; porém, com o progresso interno, após atravessarmos o plano marginal, conseguimos admissão ao *paravyoma*, à região especial, *Vaikuntha*. Isto é, obtemos o visto: “*viraja*”, “*brahmaloka’bhedi*”, “*paravyoma ’paya*”. Capturamos o fluxo da corrente que se dirige rumo ao Centro; este é o visto de entrada no

passaporte. *Sankhya*, ioga e *sva-dharma parinisthaya* podem nos dar o passaporte para sairmos do país em que estamos vivendo, mas depois disso, se quisermos chegar a algum lugar, precisaremos de um visto.

O VERDADEIRO JULGAMENTO DO AMOR

Segundo as autoridades médicas indianas, o corpo contém ar, bílis e muco, que correspondem ao ar, ao fogo, e à água – os três elementos no éter que influenciam o elemento terra. A terra é principalmente influenciada pela água, e a água pelo calor, o calor pelo ar, e todos estão brigando, lutando dentro do éter. Esta é a natureza do mundo material. Em seguida a esses, encontramos o mundo mental, a manifestação da energia mental: “Quero isto, não quero aquilo; gosto disso, não gosto daquilo”. E a inteligência dá as diretrizes para a mente: “Não aceite isso, aceite aquilo”. Mas tudo isso se encontra dentro do *ahankara*, o ego material. Acima deste, encontramos a alma, que experimenta tudo o que é bom e o que é mau. Esta chama-se *purusha*:

purusah sukha-dukhhanam,
bhoktrte hetur ucyate
(*Bhagavad-gita*, 13.21)

“Ficou estabelecido que a entidade viva condicionada, o próprio *purusha*, é a causa responsável pelos sentimentos de alegria e tristeza que experimenta neste mundo.”

Essa é a diferença entre espírito e matéria. A matéria, chamada de *prakrti*, é energia; porém, é a alma, o *purusha*, quem experimenta o bem e o mal; ela é a pessoa que sente o bem ou o mal, a tristeza ou a felicidade. Ela se compõe de um tipo de substância, e aquilo que é sentido de outro:

*karya-karana-karttve,
hetuh prakrtir ucyate*
(*Bhagavad-gita*, 13.21)

“Certamente que neste mundo impermanente todo movimento ocorre por meio da qualidade inerente da natureza material predominada, *prakrti*, responsável tanto pela causa (a força dos sentidos) quanto pelo efeito (o corpo material).”

Portanto, toda atividade que encontramos aqui – todo movimento – deve-se a essa energia material, e é a alma quem sente tudo, quem conhece, quem concebe. A alma é como o olho, um olho vendo qualquer coisa e a tudo.

Na filosofia *sankhya*, este relacionamento entre a *prakrti* e o *purusha* tem sido comparado ao de um cego e um aleijado. Um aleijado poderá andar sentado nos ombros de um cego. Aquele que está se movendo (*prakrti*) é cego; e aquele que é aleijado, e que está em seus ombros (*purusha*), tem olhos para ver e pode guiar. A alma está “aleijada”; não consegue mover-se, porém pode ver. O cego é o comandante da energia capaz de movimentar-se daqui para lá; pode carregar, porém é cego. Dessa maneira, a alma é a conheedora, é quem

sente, é a existência subjetiva, e o aspecto energético é o da força, de *prakrti*. Portanto, existe força e existe consciência.

Estamos tão absortos na força que só queremos a força, a energia, e esquecemos que somos quem sente essa força! Este ser que a sente é espantoso; se tentarmos compreender nosso próprio ser, ficaremos estupefatos: “Oh, que é isso? Sou de tal natureza! Não tenho nada a ver com esse mundo da mortalidade. Posso viver independentemente desse mundo mortal? É assim mesmo?”

Então, conseguiremos compreender mais além, que existe uma Superalma. No mundo material existem tantos planos diferentes: o mundo do calor, da água, do ar. Tudo está se desdobrando de um plano mais sutil para planos mais grosseiros, como das pedras ou da madeira. Tal como existe desenvolvimento nesta direção do mundo material, assim também, no mundo subjetivo, existe desenvolvimento, porém ascendente, da alma para a Superalma, até a Super-Superalma; desta maneira, existe um desenvolvimento infinito. E nós somos *tatastha*, marginais; nossa alma se encontra na posição marginal, entre o superior e o inferior, entre o lado sutil e o lado grosso. O lado superior é eterno, é *sat-chit-anandam*, eterno, consciente e feliz; e aqui, o lado inferior é *asat*, *achit* e *nirananda*. É *asat*, vacilante; a cada minuto está morrendo; é *acit*, inconsciente; é *nirananda*, sem sentimento algum de júbilo ou felicidade. Estas são as respectivas naturezas *deste* e *daquele* mundo. E se quisermos ter a associação daquele

mundo, somos informados de que na posição superior existe infinita beleza, amor, e êxtase. Aquele mundo pode descer até nós, e podemos ser aceitos como um dos membros da família do Senhor. Podemos viver como um membro familiar com a Entidade mais elevada daquele mundo! Mahaprabhu nos disse que isso é possível, mas só através do afeto, e não por meio do conhecimento ou de qualquer realização mística. Pelo afeto e amor podemos atraí-LO de tal forma que possamos vir a ser reconhecidos como membros de sua família, uma posição muito próxima a Ele – é possível se chegar a tal ponto.

No *Bhagavad-gita*, 18.55, o Senhor diz:

*tato mam tattvato jnatva,
visate tad anantaram*

“Depois de vivenciarem a Minha devida posição, eles entram lá; isto é, em Minha própria jurisdição especial, em Minha família.”

E o *Srimad-Bhagavatam*, 11.29.3, diz:

mamatma-bhuyaya ca kalpate vai

“Eles recebem um reconhecimento tão elevado que os qualifica a irem viver coMigo eternamente, como se fossem Meus próprios. Esta é a perspectiva futura deles, caso venham para satisfazer-Me desinteressadamente, pondo tudo de lado, *ananya bhajana*, caso desejem tão-somente a Mim e a nada mais.”

*martyo yada tyakta-samasta-karma
niveditatma vicikirsito me
tadamrtatvam pratipadyamano
mamatma-bhuyaya ca kalpate vai*
(*Srimad-Bhagavatam*, 11.29.34)

Sanatana Goswami analisou o significado correto da expressão *atma-bhuyaya*: “Meu próprio”, eles se tornam “Meus próprios”. Qual o significado de “próprio”. Ele diz que significa tornar-se parte de Sua família; e “família” quer dizer que existe uma graduação: o servo, os amigos e seus associados, o grupo de afeição filial; o grupo dos guardiões; e depois vem o grupo mais elevado, o das consortes.

Ouvi de meu irmão espiritual Vaikanasa Maharaj, que era um estudioso brâmane de Orissa, uma história sobre um incidente que ocorreu em tempos recentes, em conexão ao Templo de Jagannatha, em Puri, onde o costume é de não oferecer ao Senhor nenhum tipo de *kitri*, isto é, arroz e ervilhas cozidos juntos com legumes, fervidos numa consistência semi-líquida.

Certa vez, houve um ataque repentino dos maometanos em Orissa, e uma das moças da família real foi raptada pelos soldados, para o prazer do general maometano. Mais tarde, ele deixou o governo, e a moça foi abandonada nos arrabaldes de algum vilarejo ou cidade, e ali deu a luz a uma criança que era um grande devoto. Foi algo estranho; a moça também era uma devota, porém de algum modo ela teve de passar por uma experiência tão horrível. Ela deu a luz a uma criança, e ele cresceu na periferia daquela cidade. Ao

crescer, costumava cozinar *kitri*, e oferecia de longe essa preparação a Jagannatha. Devido à sua devoção, Jagannatha tinha de ir até lá e aceitar aquela oferenda de *kitri*.

Certo dia, o menino talvez estivesse atrasado em sua oferenda; Jagannatha aceitou o *kitri*, porém atrasou-se para a oferenda do Templo, e, portanto, Ele teve de correr de volta para Se instalar em Sua posição no altar do Templo, mas uma partícula daquele *kitri* permaneceu em Seus lábios. Os *pandas*, os *pujaris* (a classe sacerdotal), todos notaram: “O que é isso? Como isso aconteceu? Pudemos detectar que isso não é parte da oferenda correta para Jagannatha; então como é que se encontra aqui em Seus lábios?” Assim, o caso foi relatado ao líder dos *pandas* e ele também tentou, sem conseguir determinar a causa. Então, o assunto foi levado ao rei, que também investigou: “Quem pegou esse alimento e o passou na boca de Jagannatha?”

O sacerdote que estivera encarregado no horário da oferenda de alimento no templo foi convocado: “O senhor é o responsável! Estava encarregado de cuidar do Templo na hora da oferenda de Jagannatha. Então, como essa coisa impura chegou à boca dEle? Ou o senhor explica isso ou será punido”. O homem era inocente e disse: “Eu de nada sei; eu de nada sei!”

Nisso, quando estava para ser punido, o próprio Jagannatha apareceu num sonho tanto para o rei quanto para o sacerdote principal e lhes disse: “Esse homem é inocente; não o perturbem. Na periferia da cidade há um devoto Meu. Ele Me ofereceu aquele alimento, e eu o comi, mas fiquei atrasado e tive de correr de volta para ocupar Minha posição no altar do Templo. Assim,

Minha boca não foi limpa. O nome do menino é tal. El mora em tal lugar; ele é Meu devoto, e foi com ele que comi esse alimento". E o resultado da exploração da princesa pelo maometano foi que esse devoto nasceu. Assim, *Krishna-bhakti*, a devoção a Krishna, não liga para as formalidades de pureza ou impureza segundo as considerações mundanas; ela é independente.

Krishna-bhakti é tão poderosa e não liga para nada. Jagannatha aceitou a oferenda daquele menino que era considerado como tendo a pior sorte, um destino amaldiçoado. A princesa fora raptada pelo maometano, e seu rebento veio na forma daquele menino, portanto ele era "a maldição dos amaldiçoados". Mas sua oferenda atraiu muito a Jagannatha.

Desse modo, o amor situa-se maravilhosamente acima de tudo, ultrapassando a tudo. Mahaprabhu nos pediu que aceitássemos o caminho do amor, o que significa entregar nosso coração, nosso ser. É tão poderoso que nada mais consegue atrair a Krishna. Ele está muito desejoso de se alimentar desse amor, deste *prema*. Ele vive de *prema*. Ele é o Senhor do amor. Esse amor tem sua existência interna; é a existência interna de todos nós. Ele é a personificação do Amor, e há um resquício dentro de nós também. Tal como "pássaros de mesma plumagem voam juntos", o amor também gosta do amor.

Certa vez, na época em que havia conquistado e capturado o Kazi, Mahaprabhu liderava um grupo de *sankirtana* e se sentiu muito cansado. Ele veio até Sridhar Pandit, o pobre brâmane que costumava vender bananas no mercado para de alguma parca maneira ganhar seu sustento. Sridhar Pandit tinha um poço e, próximo, mantinha um pote de ferro usado para tirar

água. Mahaprabhu começou a beber água do poço daquele pote que fora deixado fora de casa. Todos os devotos objetaram: “O que Você está fazendo? Esse pote é sempre deixado fora da casa e é muito sujo. Vamos trazer-lhe um pote limpo para que continue a beber Sua água”. Mahaprabhu ignorou-os e continuou bebendo água daquele pote de ferro. Ele comentou: “Este é o pote de Meu devoto Sridhar e é mais puro que qualquer coisa.”

No *Bhagavad-gita*, 9.30, o Senhor diz:

*api cet suduracaro,
bhajate mam ananya-bhak
sadhur eva sa mantavyah,
samyag vyavasito hi sah*

“Se uma pessoa é um devoto puro que Me adora exclusivamente, tendo abandonado todos os demais objetivos baseados na exploração e na renúncia, mesmo que cometa alguma ação abominável, deverá ser considerado santo. Ele é cem por cento puro, pois seus esforços são completamente dirigidos a Mim e sua determinação está fixa nesta resolução.”

Isso acontece pois quem realmente se rendeu a Krishna é aceito por Ele como sendo Seu próprio, e tal alma rendida nunca deve ser considerada impura, ou um transgressor. Portanto, o que é *bhajana*? É uma transação do coração e não alguma formalidade. Na devoção a Krishna, *Krishna-bhakti*, a única consideração é a dedicação do coração. Krishna deseja isso e não qualquer formalidade externa do mundo civilizado ou incivilizado. No caso do Senhor Ramachandra também, vemos que, embora na mais elevada consideração Ele seja o diretor das leis morais, *niti*, Ele não conseguiu Se

conter quando uma senhora “intocável” Lhe ofereceu algo com devoção. E isso aconteceu depois que ela já havia provado, depois que havia comido do doce. Ela guardou para Rama as sobras do que ela considerava muito saboroso, e Ele aceitou.

Há outro incidente que ocorreu na casa de Vidura. Enquanto Vidura havia saído para coletar doações, Krishna repentinamente apareceu como visita na casa dele. A esposa de Vidura recebeu-o, mas não havia nada para oferecer, somente algumas bananas. Então, após proporcionar-lhe um bom assento, ela ofereceu o que tinha, porém oferecia as cascas de banana a Krishna e descartava a fruta no chão. Ela estava tão desnorteada, dominada pelo júbilo de ver que Krishna subitamente se encontrava em sua casa, que descartava a fruta e Lhe dava as cascas, e Ele as estava comendo.

Naquele momento, Narada e Vidura chegaram. Vidura exclamou: “O que a senhora está fazendo? Está deixando a fruta e dando as cascas para meu Senhor!” Porém, Narada veio em sua ajuda: “Ela está desnorteada, mas Ele, que está comendo as cascas, nem Se perturbou! Poder-se-ia pensar que Ele diria: ‘Oh, Me dê a fruta. Porque está Me dando as cascas?’ Mas Ele está comendo sem nenhuma preocupação”. Então, Krishna respondeu: “Não estou comendo nem a fruta nem as cascas, mas estou comendo aquilo que é devoção! Estou aceitando a devoção dela. Nem a casca nem a fruta podem Me satisfazer; Narada, não preciso nem de um nem do outro, mas vivo de devoção”.

*patram pusparam phalam toyam
yo me bhaktya prayacchati
tad aham bhakty-upahrtam
ashnami prayatatmanah*
(Bhagavad-gita, 9.26)

O Senhor disse: “Eu aceito todos esses alimentos que foram oferecidos; mas na verdade não é o alimento em si que aceito, mas sim o propósito por trás daquela oferenda, o ideal. É o próprio espírito da coisa que Me interessa e nunca a demonstração externa. Estou vivendo no mundo interno; portanto, também com relação ao alimento, é a substância interna que Me interessa, não a aparência externa”.

Portanto, é dito que *bhava-grahi-janardanah*, “O Senhor Janardana (Krishna) vê o humor de devoção”. A devoção não liga para as regras e regulamentos comuns deste mundo material. Ainda assim, em nossa condição inferior, somos aconselhados a continuar com o *archana* e, dependendo de nosso estágio de realização, oferecemos o que pensamos ser puro, e rejeitamos o que é impuro. No estágio preliminar, isso é necessário para nossa fortuna, porém, conforme avançamos, esas considerações externas são eliminadas e as considerações internas recebem maior importância.

Existe outra história que ilustra isso. Vrajen Sil era um grande estudioso da Bengala, um erudito em filosofia tão extraordinário que certa vez, depois de ter dado uma palestra na Conferência Mundial de Filosofia em Roma, o presidente da assembléia lhe disse: “Tomei-o por Aristóteles!” De tão erudito, ele era respeitado tanto quanto Aristóteles. Fora estudante da *Scottish Church College* em Calcutá e, certa vez, prestava uma prova ali. Enquanto estava na sala da prova, recebeu papel e perguntas, e começou a escrever suas respostas. Havia muitas perguntas, porém ele se absorveu de tal modo em responder a determinada questão, que se esqueceu de tudo o mais. Estava tão profundamente ocupado em

responder àquela única pergunta que passou o tempo todo nela e ignorou todas as demais. Quando tocou o sinal e o tempo de prova se esgotara, ficou perplexo quanto ao quê fazer. Só tratara de uma pergunta; mas deixou sua prova ali e saiu.

Era o aluno mais inteligente da faculdade, porém, pensou que seu nome não poderia estar na lista de candidatos bem-sucedidos porque apenas respondera a uma pergunta dentre talvez cinco ou seis. Mas mesmo assim, furtivamente vinha ver se a lista de candidatos bem-sucedidos fora afixada. Então, certo dia, descobriu que seu nome aparecia no topo daquela lista. Ficou perplexo: “Mas como é isso? Só tratei de uma pergunta e estou no topo da lista; como isso é possível?” Então, perguntou ao professor: “Senhor, respondi apenas uma pergunta; como é possível que o senhor me tenha dado o primeiro lugar?”

“Ó Sr. Sil, sua resposta está no nível de um erudito pesquisador e não de um estudante comum, foi por isso que eu lhe dei o primeiro lugar!”

É o mesmo com *raga-marga* onde as formalidades são ignoradas e se extrai a substância. Embora normalmente o Sr. Sil devesse ter sido colocado entre os candidatos inferiores que falharam, o professor era um juiz do tipo arrojado e pensou: “Oh, a resposta que ele deu para apenas uma pergunta é de uma qualidade tão elevada! Este estudante jamais poderia ser considerado um fracassado”. Em vez disso, foi-lhe dada a posição mais elevada.

Portanto, o amor é assim: não liga para qualquer formalidade em seu julgamento real.

PARTE DOIS

O CAMINHO PARA O LAR

ILUSÃO, DIVINDADE E O VERDADEIRO DEVOTO

Pergunta: Maharaj, o que é pior, um devoto decair e se desconectar ou se tornar um *sahajiya*.

Srila Guru Maharaj: Quem é melhor, um pobre ou um ladrão? Um tinha dinheiro e o perdeu, o outro está posando de rico, praticando o que é errado. Quem está desconectado pode ser reconectado dentro em breve; mas *sahajiya* significa que ora ele tinha uma verdadeira conexão com a verdade, ficou desconectado e depois escolheu um caminho errado, ora ele já se encontra ocupado na senda errada. Então, qual é a melhor posição: não conseguir a coisa verdadeira, ou conseguir a coisa errada? Qual é superior?

No *Srimad Bhagavad-gita* se menciona que em *tamo-guna* – a posição inferior – pensa-se que “A” é “B”. Na *rajo-guna*, existe dúvida se *isto* é real, ou *aquilo* é real; não se consegue determinar o que é verdadeiro.

Mas pensar que “A” é “B”, e “B” é “A” – esse é o pior tipo de erro. Eles estão desorientados; *sahajiya* significa mal orientado. Aceitam a matéria como sendo consciência, portanto, a sua posição é mais deletéria que daqueles que nada têm, ou que perderam sua conexão com a coisa verdadeira. De modo similar, a conclusão do grupo *mayavadi* que pensa que “se fundir” no *brahma* sem forma é a meta mais elevada é mais perigosa porque “uma meia verdade é pior que uma mentira”.

*se du'yer madhye visayi tabu bhalo
mayavadi sanga nahi magi kona kala*
(*Sharanagati*, 27.3)

A associação com aqueles que são desfrutadores dos sentidos inteiramente convictos nunca pode ser tão prejudicial ao bem-estar espiritual como seria a companhia de um impersonalista.

Se uma pessoa admite: “Não tenho dinheiro”, e outro, que realmente não tem dinheiro, mostra algum dinheiro falsificado e assevera que “isto é dinheiro”, então sua condição é pior porque está ocupado na falsificação.

Portanto, tornar-se um *sahajiya* é pior. É estar enganado, com sua atenção capturada por, e absorvida numa concepção errônea. Uma pessoa que tinha alguma concepção durante algum tempo e se desconectou pode mais uma vez facilmente restabelecer sua conexão. Mas o outro ficou cativado por uma concepção errada, portanto é mais difícil convencê-lo da verdade, pois sua mente está possuída e cativada

por aquele preconceito. A primeira pessoa não tem compromisso algum; o compromisso que tinha se foi. Mas a segunda confundiu uma coisa pela outra. Tomou a matéria como sendo divina, e isso é pior.

Certa vez, em minha infância, ouvi este exemplo de meu professor da escola. Ele disse que na América existia uma escola de música onde alguém que possuía algum conhecimento de música, para frequentá-la, teria de pagar o dobro da mensalidade normal, mas aqueles que não tinham conhecimento musical algum só pagavam as mensalidades normais. Isso era devido a que aqueles que nada sabem podem ser ensinados facilmente; mas os que tinham algum conhecimento de música tinham de pagar em dobro, pois teriam de esquecer tudo que haviam aprendido antes para só então poderem começar a aprender da maneira correta. Primeiro, precisavam aprender a esquecer seus preconceitos anteriores, suas concepções equivocadas da ciência musical, portanto sua mensalidade custaria o dobro. É algo semelhante. Num caso, nenhuma *bhakti*, nenhuma devoção, e no outro, algo não-devocional cativou a pessoa em nome da devoção. Isso é imitação, e pior do que isso, é ofensivo. Prabhupada Bhakti Siddhanta Saraswati Thakur disse que é *vanchanam*, é ridicularizar os devotos – Sri Mahaprabhu, Sri Rupa, Sri Sanatana – é ridicularizá-los pois confunde o que é *prema* e o que é *kama*. Ambos se encontram em lados opostos; e aceitar *kama* em nome de *prema* não só é algo hediondo e deletério para si, como também contamina toda a atmosfera. Portanto, Srila Bhaktivinoda Thakura diz:

*kame preme dekho bhai, laksanete bheda nai,
tabu kama 'prema' nahi hoy,
tumi ta' barile kama, mithya tahe 'prema'-nama
aropile kise shubha hoy*

*keno mana, kamere nacao prema praya
carma-mamsamaya-kama,jada-sukha abirama,
jada-bishayete sada dhay
(Kalyana Kalpataru, 18-19)*

“Apenas preste atenção nisto, meu irmão: os sintomas da luxúria e do amor parecem similares; ainda assim, luxúria não é amor. Mas você aceitou a luxúria em lugar do amor, e se você der o certificado de que “isto é *prema*”, por esse erro você engana a si mesmo. Ao confundir deste modo uma coisa com a outra, você jamais obterá nada auspicioso. A luxúria lida com carne e sangue, mas o amor se encontra na posição mais elevada da existência espiritual.”

Portanto, são opostos, como os pólos sul e norte. Uma se interessa por este corpo, o outro, pela Superalma; um grande abismo se estende entre ambos! Existe o oceano da dedicação, e o ponto mais alto dessa dedicação é *gopi-prema*. Este só existe onde se encontra Krishna, e aqui só há imitação.

*koti-mukta-madhye 'durlabha' eka krsna-bhakta
(Sri Chaitanya-caritamrta, Madhya-lila, 19.148)*

“Dentre muitos milhões de pessoas liberadas, é muito difícil encontrar um devoto puro de Krishna.”

Devemos considerar todas estas coisas. Tal dedicação é possível somente na posição mais elevada da existência espiritual, que é a área consciente totalmente espiritual, e nela não há interesse algum por carne e sangue – não há interesse pelo corpo.

A coisa mais hedionda acontece quando um homem faz o papel de Krishna e uma mulher faz o papel de *gopi* e ambos se unem, e dessa maneira desfrutam. Pensar que *isto* é *aquilo...* tal é impossível. Qualquer homem de bem normal odiará isso. Sem falar nos devotos mais elevados, até mesmo um homem de bem normal odiará tal coisa.

O caminho progressivo é mostrado no livro *Sri Bhakti-rasamrta-sindhuh*, 1.4.15:

*adau shraddha tatah sadhu-sango
'tha bhajana-kriya
tato 'nartha-nivrttiḥ syat tato nishtha rucis tatah*

No início, encontra-se a fé, depois, surgem a associação com devotos, o ocupar-se em serviço, o purgar as falhas, obter constância na devoção, o gosto espiritual, o apego firme, a emoção transcendental e o amor puro por Krishna. Estes são os passos do caminho.

E de outro ponto de vista:

*vaikunthera prthivy-adi sakala cinmaya
(Sri Chaitanya-caritamrta, Adi-lila, 5.53)*

“A terra, a água, o fogo, o ar e o éter de Vaikuntha são todos espirituais.”

Devemos sempre lembrar disto: “Sou fruto da

tatastha-shakti, a potência marginal; é lá que nasci, e devo atravessar a *svarupa-shakti*, que é superior a mim. Lá, o solo é feito de uma substância que é mais elevada do que aquilo de que sou feito. A terra, o ar, a água, as árvores, as aves e tudo o mais por lá são superiores a mim. E eu devo entrar lá? Não é coisa pequena, não é algo fácil. O ingresso naquele mundo não se encontra dentro do poder da pessoa que deseja ir até lá, mas depende completamente da graça de seus superiores: *guru-krpa, vaisnava-krpa*.

Lá, temos de andar sobre nossas cabeças, não sobre os pés. Todos são Gurus; o solo é Guru, a parafernália inteira é Guru, é superior. Sou feito de algo inferior, e esse plano é feito de uma substância superior; portanto, é impossível entrar lá por minha doce vontade. Irmos naquela direção até *mukti*, a liberação, pode ser fácil, mas, só poderemos ir além disso, se formos levados pela graça; qualquer pessoa não pode entrar naquele reino por uma mera questão de direito. Somente poderemos ser levados para lá unicamente através da completa graça de um filho daquele solo. Assim como existe a pessoa jurídica do avalista, alguém que se coloca como garantia do sujeito, do mesmo modo, algum agente daquele mundo deve assumir a responsabilidade por mim e correr o risco para que eu possa ir para lá. O Vaisnava e o Guru, como filhos daquele solo, assumirão o risco e me levarão até lá. Portanto, sem a graça deles, *vaisnava-krpa, guru-krpa, bhagavata-krpa*, não conseguiremos entrar lá.

Nenhum direito – é tudo graça. Essa graça pode me levar até lá. De nosso lado, não temos direito algum. Sou um filho da potência marginal, mas lá toda substância, tudo é feito de algo superior à minha própria

existência. Tenho minha existência como pessoa, e lá todos também são pessoas, mas pertencem a uma existência superior a mim. Como então pode esta pessoa pisar na cabeça daquelas pessoas? Apenas para o serviço delas; caso contrário, é algo inconcebível e impossível. Até mesmo aceitar este princípio é muito difícil, sem falar em entrar lá:

*bahunam janmanam ante,
jnanavan mam prapadyate
vasudevah sarvam iti,
sa mahatma sudurlabhah*
(*Bhagavad-gita*, 7.19)

“Após muitos nascimentos, a pessoa que estiver de fato situada em conhecimento rende-se a Mim (Vasudeva), vivenciando que Eu sou tanto a fonte como a substância de tudo que existe. Tal grande alma é extremamente rara.”

E o *Srimad-Bhagavatam* , 6.14.5, declara:

*muktanam api siddhanam
narayana-parayanah
sudurlabhah prasanatma
kotisv api maha-mune*

“Ó grande sábio, dentre muitos milhões de almas que se encontram liberadas e livres da ignorância, e dentre muitos milhões de *siddhas* que quase alcançaram à perfeição, raramente se encontra um devoto puro de Narayana. Apenas tal devoto é completamente satisfeito e pacífico.”

Pensar nisso é fácil mas difícil de se obter! Nenhum

direito pode ser estabelecido por lá; ir para lá não é uma questão de direito. Portanto, aquele que busca “seus direitos” ficará totalmente frustrado. Devemos estar preparados para “risco total e nenhum ganho”. Mas se, de algum modo, conseguirmos chegar lá, isso será “ganho total sem risco algum!”.

Desse modo, é quase impossível tornar-se um Vaisnava propriamente dito. É somente por meio da graça que provém daquele nível que poderemos ir até lá; nada podemos fazer de nosso lado a não ser a completa rendição, a completa abnegação e a completa dedicação ao interesse daquele lugar. Assim, poderemos ter esperanças de sermos conduzidos até lá.

*vaikunthera prthivy-adi sakala cinmaya
mayika bhutera tathi janma nahi haya
(Sri Chaitanya-caritamrta, Adi-lila, 5.53)*

“A terra, a água, o fogo, o ar e o éter de Vaikuntha são todos espirituais. Elementos materiais não se encontram por lá.”

Uddhava é um devoto de tamanha qualidade mas que ora: “Se eu puder ser uma trepadeira por lá, considerarei que minha fortuna chegou a seu mais alto grau”. Em Vrindavan, a trepadeira é algo tão valioso que Uddhava – sobre quem o Senhor diz: “Você é o Meu devoto favorito; Amo você até mais do que a Mim mesmo” – ele está almejando ter um nascimento lá que lhe dará essa posição. Isto não é uma mera hipérbole. Quando Uddhava almeja vir a ser um arbusto, ser algum tipo de grama por lá, então, como deveremos nos preparar, pois teremos de caminhar sobre aquele local?

Terei de caminhar por sobre a cabeça de Uddhava? Assim, qual o tipo de concepção tão mais elevada que esse lugar será?

E os *sahajiyas* são ridículos! Pela imitação, aqui neste plano de carne e sangue, pensam que podem conseguir isso. Eles são os piores inimigos, pois por imitarem deste modo não só eles mesmos vão para o inferno, mas também estão atraindo muitos outros para lá. Não estão conscientes dos fatos, do que é o quê. Assim, obtiveram sua posição odiada na sociedade; a sociedade em geral odeia esses '*babajis*'.

Porém, temos de ter fé em nosso *Guru Maharaj* que disse que: “É meu infortúnio. Não pude encontrar um só Vaisnava nesta *Vraja-mandala*”. Pressionando sua mão contra a testa, ele disse: “É meu infortúnio que não consegui encontrar um só Vaisnava neste grandioso e sagrado local de *Vraja-mandala*”. Esta foi a sua conclusão.

E depois que ele realizou o *Vraja-mandala-parikrama* (a peregrinação por toda a região de Vraja), ele disse sobre um *babaji* que em geral era reconhecido como o melhor e o líder dos *sahajiyas* ‘Vaisnavas’: “Ele é um *kanistha adhikari*. Pode ser considerado um principiante, para ser admitido na classe infantil”. Esse homem era considerado por unanimidade como um *siddha-babaji*, como tendo alcançado a mais alta posição entre eles, mas Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura disse: “Ele conseguiu ser admitido na classe primária”. Ele afirmou isso por escrito no jornal *Gaudiya-patrika*. E nós estamos treinados de acordo e conscientemente, não com fé cega. Ele nos explicou o que é o quê; tentamos seguir suas diretrizes, e também chegamos a tais conclusões.

Passo a passo, devemos nos aproximar do ponto mais elevado. Não se trata de uma criação mental, de mera imitação. Imitação é o pior. É algo odioso, imundo. A coisa mais odiosa é representarmos aquele amor mais elevado nesta conexão carnal com o corpo e a mente. Devemos tentar evitar isso com toda nossa vontade e energia.

Srila Kaviraja Goswami descreve: *vaikunthera prthivy-adi sakala cinmaya*, os elementos daquele mundo Vaikuntha são totalmente espirituais e é possível pesquisar cientificamente aquela terra com os olhos de nossa alma. Devemos compreender isso – como tal coisa é verdade. E para tal, precisamos antes compreender o que é a região *tatastha*: o que é *viraja*, o que é *brahmaloka*.

Porém, nos encontramos numa tal posição material que sequer conseguimos compreender este processo inferior:

*indriyani parani ahur,
indriyebhyah param manah
manasas tu para buddhir,
bhuddher yah paratas tu sah*
(*Bhagavad-gita*, 3.42)

O que é nossa alma? Não conseguimos perceber nem compreender o que é nossa alma! Existe o mundo; nós o concebemos, nós o percebemos através de nossos sentidos, portanto, eles são superiores ao mundo. A mente recebe a experiência do mundo através dos sentidos. Acima da mente e dentro de nós, encontra-se a faculdade de julgamento; e, acima desta, a alma propriamente dita. E então, aproximamo-nos da área

da Superalma; através de *viraja e brahma-loka*, eventualmente alcançamos Vaikuntha. Existem tantas camadas a atravessar, mas sequer conseguimos encontrar aquela que tem de atravessá-las, a nossa própria alma! Encontramo-nos longe desta concepção, numa posição desanimadora, e dizemos que a concepção mais elevada do mundo da Superalma está em nossas mãos! Isso é tolice.

Primeiro, precisamos sentir nossa própria alma, qual é nossa real existência e identidade na posição espiritual; depois, essa alma terá de subir mais e mais alto; atravessando cada vez mais planos valiosos, ela deve se elevar. Porém, antes ela deve sentir sua própria identidade.

Assim, os *sahajiyas*, os imitacionistas, devem ser considerados como o inimigo. Tal como Quisling considerava (*) eles são *jana-satru*, o inimigo que brotou em casa, o inimigo interno. Este tipo de imitação é a pior coisa. Imitação comum pode ser ruim, mas imitação da realidade superior é algo completamente repugnante e deve ser rejeitado, pois o que é Supremo está sendo explorado de modo tão baixo e mesquinho. Isso é *sahajiya*.

Não conseguimos perceber nossa própria alma! Essa é nossa posição. Absortos neste assunto grosseiro da exploração, não conseguimos sequer saber o que é nossa mente, de que substância é feita. Então, como poderemos entender o que é a inteligência, *buddhi*, a faculdade de julgamento em nós; e, indo além desta, a alma; ou por fim, o reino da Superalma? Porém, vivemos neste mundo mundano e imaginamos que: “Possuo o Senhor de meus sonhos!”

(*) Quisling foi um influente oficial do exército norueguês durante a II Guerra Mundial ligado ao inimigo, à força da ocupação nazista.

CONHECIMENTO TRANSCENDENTAL

Às vezes, poderemos ser mal orientados a acreditar que não devemos estudar os livros devocionais, sendo levados a pensar que: “Analizar e conhecer, isso não faz parte da devoção. Isso é desnecessário, é conhecimento, *jñana*, e é contrário à devoção”. Pensando dessa maneira, continuaremos cantando o Santo Nome, e tentaremos evitar os locais onde estiver sendo apresentada alguma explicação sobre a escola devocional. Mas isso nem sempre é o melhor, pois, através de ouvir da fonte certa, recebemos o tipo de conhecimento que nos impulsiona a continuarmos em nosso *sadhana*.

No *Sri Chaitanya-charitamrta*, Srila Krishnadas Kaviraja Goswami diz: *siddhanta baliya*, devemos discutir o *siddhanta* (as conclusões perfeitas da devoção). Sanatana Goswami é o *acharya* do *siddhanta*.

Alguém pode afirmar: “Qual a necessidade de conhecer o *siddhanta*, conhecer de tudo? Continuarei a cantar o Nome e evitarei os locais onde houver uma aula para explicar o *Srimad-Bhagavatam* ou o *Sri Chaitanya-charitamrta*. Isso tudo é conhecimento: *jñane prayasam udapasya*. “Deve-se abandonar totalmente o esforço desnecessário de obter conhecimento por meio da discussão das verdades filosóficas empíricas”. (*Srimad-Bhagavatam*, 10.14.3).

Porém, o *jñana* mencionado neste verso não se refere ao tipo de conhecimento que nos dá uma verdadeira concepção do que é um devoto e o que é Deus. Este ‘conhecimento’ parece externamente similar

a *jñana* mas, se estiver vindo através de uma fonte genuína, é de outro tipo, compõe-se de outra substância.

É feita uma advertência em relação a *jñana* porque *qualquer pessoa* pode apresentar *qualquer interpretação* das escrituras reveladas. Não devemos tentar saber tudo e qualquer coisa ao ponto em que sempre que alguém falar acorreremos para aprender algo. Mas, quando há *qualquer revelação* se manifestando através de um verdadeiro agente mais elevado que nós, devemos tentar ser muito sinceros em ouvir; isso consolidará nossa posição e nos ajudará a continuar, a progredir em nosso *sadhana*.

Não devemos rejeitar como mero ‘conhecimento’ o seguinte *siddhanta*: quem é Krishna e como Ele é *svayam Bhagavan*; quem é Narayana; onde se encontram as vinte e quatro camadas de concepção equivocada (*); onde ficam Vaikuntha e Goloka; quem é Baladeva; quais são os diferentes *rasas*.

Será tolice minha se eu disser: “Ó não, isso tudo é *jñana*; descarte isso e aceite o Nome”. Isso deve ser considerado como indolência ou inatividade. Devemos convidar aquele tipo de conhecimento que aumentará e aprofundará mais nossa fé. Deve-se dar as boas-vindas a tais discussões. O próprio Senhor diz:

*mad citta mad-gata-prana,
bodhayantah parasparam
kathayantash ca mam nityam,
tushyanti ca ramanti ca*
(*Bhagavad-gita*, 10.9)

“Os pensamentos de Meus devotos puros residem

(*) 24 elementos que cobrem a *baddha-jiva* (alma condicionada).

em Mim, suas vidas são plenamente devotadas a Meu serviço, e eles derivam grande satisfação e êxtase sempre iluminando uns aos outros e conversando sobre Mim.”

Portanto, discutir sobre Ele na associação dos *sadhus* e a partir de diferentes pontos de vista não é um tipo de ‘conhecimento’ que deva ser abandonado, mas, sim, deve ser encorajado espontânea e naturalmente. Chama-se a isso de *istha-gosthi*: *gosthi* quer dizer ‘combinação’ e *istha*, ‘companhia desejável’. Nessa associação, devemos falar a respeito dEle. Isso é parte essencial da devoção.

Estas coisas virão automaticamente, quando despertar o *bhava-bhakti* (o verdadeiro sentimento devocional):

*ksantir avyarthika-kalatvam viraktir mana-sunyata
asa-bandhah samutkantha nama-gane sada rucih
asaktis tad-gunakhyane pritis tad vasati-sthale
ityadayo 'nubhavah syur jata-bhavankure jane*
(*Sri Bhakti-rasamrta-sindhuh*, 1.3.25-26)

“Quando a semente da emoção extática por Krishna frutifica no coração do devoto, os seguintes sintomas se manifestam em seu comportamento: ele se torna paciente, não gosta de perder tempo, desapega-se do que é mundano, liberta-se do orgulho, vive pleno de esperança, está sempre ansioso por servir, sente sempre prazer em cantar o Nome do Senhor, ama falar sobre as qualidades Divinas do Senhor e ama a Sagrada Morada do Senhor. Estes nove sintomas são chamados de *anubhava*, sinais subordinados do amor extático.”

Se um *sadhu* estiver expressando por iniciativa própria e expontânea tantas qualidades de Krishna, e formos embora, perdendo esse benefício – isso é suicida! Em vez disso, precisamos ter apego por aquilo, *asaktih*. “Oh, as boas qualidades de Krishna estão sendo explicadas através desse agente. Devo tentar ouvir isso”. Senão, para que o ouvido foi criado? Foi criado somente para receber notícias sobre Ele! O ouvido e o cérebro foram criados apenas com esse propósito, e ambos devem ter sua realização em *Krishna-katha*, em *Hari-katha*.

Qual o propósito do *Gita*, do *Bhagavata*? O que é *maya*? O que é *svarupa-shakti*? O que é conhecimento verdadeiro e o que é “conhecimento” equivocado, aparente? Temos de conhecer essas coisas até certo ponto, porque evitar o que é indesejável e aceitar o que é desejável pressupõe algum tipo de conhecimento a cada passo de nosso progresso.

Portanto, *jñane prayasam udapasya*, abandonar a busca de um conhecimento infrutífero não significa que não devamos falar sobre Krishna entre nós, ou que quando um *sadhu* está explicando a respeito de *nama*, *rupa*, *guna* e *lila* (nomes, formas, qualidades e passatempos) do Senhor, devamos fugir de tal local! Não é assim. O *jñana*, no sentido aqui utilizado, se refere aos ensinamentos *sankhya* do Kapila ateu, às escolas de Patanjali (ioga), de Jaimini (*karma-mimamsa*), à escola budista, etc.; e o conselho para evitá-los também se destina ao principiante, mas o pregador terá de entrar em contato com todos – para esmagá-los.

E também, às vezes, o conhecimento necessário pode vir de dentro. Existe um estágio da devoção em

que o conhecimento necessário provém de modo automático do interior. Existe um estágio de *bhakti* no qual as coisas se dão desta maneira; é revelatório – compreendemos através da revelação. Há vezes em que o conhecimento da devoção poderá chegar até nós sem qualquer estudo, sendo suprido internamente pelo *caitya-guru* (o Senhor como nosso guia interno). Mas, em geral, virá ouvindo os devotos.

Assim, o plano, a concepção Krishna em Vrindavan, não carece de *chit*, de conhecimento. *Chit* significa *chetana*, isto é consciência, conhecer. Não lhe falta grandiosidade e temor reverencial, tal como encontramos em Vaikuntha. Porém, quando *ananda* (júbilo, êxtase) se sobrepõe a *chit*, então aconselha-se: “Não se esforce muito através do conhecimento.” Existe *sat-chit-anandam* (eternidade, conhecimento e bem-aventurança), e não conseguimos realizar tudo por meio de *chit*, da faculdade de conhecer e compreender. Entretanto, obtemos tudo automaticamente por meio do serviço. No serviço, também existe conhecimento – um departamento de conhecimento – e este se desenvolve automaticamente.

A MAIS DOCE LUTA

Devoto: Srila Guru Maharaj, há algum tempo me disseram não ser bom não estarmos passando por dificuldades na consciência de Krishna. Essa deve ser a condição de quem está se esforçando para se tornar consciente de Krishna, ou seja, estar se debatendo?

Srila Guru Maharaj: Quando o devoto está tentando

conquistar seus sentidos; quando está tentando conquistar as influências de *kama*, *krodha*, *lobha*, *moha*, *mada*, *matsarya* (luxúria, ira, cobiça, ilusão, loucura e inveja), nessa hora, ele não pode evitar esse conflito. Progresso significa conflitos de vários tipos, e isso acontece no estágio de *madhyama-adhikara* (o estágio intermediário). Em geral, esse é o momento das dificuldades. Durante o estágio inferior de *kanistha-adhikara*, o devoto não se preocupa pelo estado de seu progresso nem se está obtendo devoção ou não; com a mente tranquila, ocupa-se em *archana* (a adoração à deidade), ou em qualquer que seja seu serviço. Mas quando começa o estágio de *madhyama-adhikara*, iniciam-se os verdadeiros conflitos na vida do praticante. Ela terá de ajustar muitas coisas, *laukiki vaidhiki*, não só com relação à sua vida devocional, conforme aconselhado pelas escrituras (*vaidhiki*), mas também quanto à sua posição social (*laukiki*), seus procedimentos comuns, suas discussões, seus relacionamentos sociais, sua educação.

Em geral, a tendência para pregar surge neste estágio; o devoto deseja se estender para tentar remover as dificuldades no ambiente e convertê-lo a seu propósito. A vida do *madhyama-adhikari* é de luta. E quando se torna um *uttama-adhikara* (o estágio avançado de realização), então fica um tanto tranquilo em sua vida. Torna-se pacífico; percebe que em todo lugar as coisas estão indo bem, segundo a vontade de Krishna. Pode com facilidade perceber a vontade de Krishna e como Ele se encontra por trás de tudo. Portanto, não tem muito o que fazer ou pelo quê lutar:

*sarva-bhuteshu yah pashyed
bhagavad-bhavam atmanah
bhutani bhagavaty atmany
esa bhagavatottamah*

(*Srimad-Bhagavatam*, 11.2.45)

“Aquele que se encontra na plataforma mais elevada do serviço devocional (*uttama-bhagavata*) vê a Alma das almas, a Suprema Personalidade de Deus Sri Krishna, dentro de tudo. Vê tudo em relação ao Senhor Supremo e comprehende que tudo que existe está eternamente situado dentro do Senhor.”

Mas, quando a pessoa está vivendo no plano da ignorância, do equívoco, é necessário que encontre harmonia, porque ela está percebendo duas coisas, *maya* (ilusão) e *isvara* (a presença de Deus). Ela deseja instalar *isvara* – Deus, a Divindade, a consciência de Deus – e tenta ao máximo remover o equívoco. Portanto, *madhyama-adhikara* é um período de dificuldades, é o estágio de *sadhana-dasa*, o estágio da prática.

Como resultado de *sukrti* – a fortuna espiritual devida a serviço devocional prestado consciente ou inconscientemente – a alma primeiro obtém *sraddha*, a fé divina, e, depois, *sadhu-sanga*, a associação dos verdadeiros devotos. Este é o estágio do ouvir, *sravana-dasa*; depois, em *varana-dasa*, a pessoa aceita o princípio, os ensinamentos, a senda da devoção; depois, surge *sadhana-dasa*, o estágio da prática, e este estágio é cheio de dificuldades. Então, no estágio *apana-dasa* de realização avançada, a pessoa sente a paz em *bhava-bhakti*, a primeira abertura do botão da flor do amor divino, que no estágio de *prapanna-dasa*, ou de plena

rendição, se converte em *prema-bhakti*, o amor puro por Deus.

E novamente, quando a pessoa já estiver situada em *lila* – situada nos passatempos transcendentais – existirá outro conflito, mas este é de outro tipo. Em Vraja, Vrindavan, também há competição, há dificuldades. Yasoda, a mãe de Krishna, pensará: “Como fazer para controlar esta criança travessa? Não estou conseguindo; não consigo controlá-LO”. Desta maneira, o conflito existe mas é produzido por *yoga-maya*; situa-se em *prema-bhakti*, *ahi bhavati prema*, e tem um caráter dinâmico e não estático. Quando o plano é dinâmico, tem de haver conflito; este estará de algum modo presente no plano do *lila*, em forma de competição.

No *sakhya-rasa*, existe brincadeira com a existência de dois partidos; de um lado encontra-se Krishna, e do outro, Balarama, e cada um quer sair vitorioso. Isso também é um conflito, mas é puramente de outro tipo: é uma brincadeira transcendental.

Em *madhura-rasa* também existem os diversos grupos: o de Radharani, o de Chandravali e tantos outros; e os servidores de cada grupo têm de cuidar de seu próprio interesse, do interesse de sua soberana.

Desse modo, o caráter dinâmico significa algum tipo de conflito – um doce conflito. Neste mundo também existe conflito, porém um conflito amargo. No início, quando temos de lutar para remover a necedade e convidar a verdadeira ciência, quando temos de lutar para sair do equívoco rumo ao conhecimento puro, a luta é muito amarga. Não só é sem gosto, mas, às vezes, é também dolorosa. Porém, ao entrarmos no reino superior, a luta se torna mais ou menos doce.

Lila tem de significar algum tipo de conflito. Existem diferenças, há a conquista; às vezes, faz-se uso da fraude – um grupo engana o outro – porém, embora se assemelhe aos assuntos mundanos e comuns, tudo é *aprakṛta, prakṛta-vat*, supertranscendental.

E, desse modo, também existe por lá algo que se assemelha a imoralidade; *hiti rahita*, as leis morais são deixadas de lado para a satisfação de Krishna. Esta é uma concepção muito elevada: fazer qualquer coisa e tudo por Ele. O grupo *kama-rupa* está preparado para fazer qualquer coisa e o que seja por Krishna e, devido a esse tipo de serviço, não se encontram sob nenhuma lei. Krishna é a origem e o mestre da lei, e pode fazer qualquer coisa, passando por cima da lei existente da sociedade:

*ajnayaivam guna dosan
mayadistan api svakan
dharman santyajya yah sarvan
mam bhajeta sa tu sattamah*
(*Srimad-Bhagavatam*, 11.11.32)

Aqueles que estão prontos para até mesmo desobedecer às ordens escriturais dadas para nosso próprio benefício no serviço a Krishna são realmente a classe de devotos mais elevada. A lei estabelecida pelo Senhor existe para as pessoas comuns; contudo, existe uma sessão de pessoas especiais que estão prontas a passar por cima da lei, apenas para seu exclusivo serviço ao Senhor.

*sarva dharman parityajya,
mam ekam saranam vraja
aham tvam sarva-papebhyo,
moksayishyami ma suchah*
(*Bhagavad-gita*, 18.66)

“Abandonando totalmente todos os tipos de religião, renda-se exclusivamente a Mim. Eu o libertarei de todos os tipos de pecado, portanto não se desespere.”

Muitas regras e ritos sociais do *varnasrama-dharma* são apresentados para nosso benefício, mas esses se aplicam enquanto nos encontramos num estágio inferior. E, no estágio superior, a fé é do tipo que faz pensar que: “Ultrapassando a lei, vou servi-LO!”

Suponhamos que seja proibido entrar no harém de um rei; a lei geral declara que é proibido para todos, e ninguém deve transgredi-la. Mas, se percebermos que seja necessário realizarmos algum serviço urgente, se suspeitarmos que haja algum perigo para a vida do rei, então, transgrediremos a lei arriscando-nos e entraremos no harém, para o benefício do rei, para salvá-lo. Desse modo, existe uma determinada sessão de devotos que, para a satisfação do Senhor, está pronta a passar por cima da lei.

Aqueles que são capazes de conhecer o interesse de Krishna formam um grupo especial; são os mais elevados dentre os devotos. A lei destina-se ao público em geral, porém a doce vontade de Krishna se encontra acima de toda lei.

Portanto, encontramos conflito por toda parte: onde há vida, há luta. Onde há progresso, há conflito; e onde há *lila* – brincadeira –, encontramos luta, embora de

um tipo diferente. Uma é doce, a outra, dolorosa. No estágio inferior, é um tanto doloroso cortarmos os laços de atração por este mundo; porém, quando se estabelecer um relacionamento permanente com o mundo superior, quando tivermos recuperado isso, então, ir adiante é algo feliz. Desde que progresso significa luta, esta luta continuará por todo o estágio de *madhyama-adhikara*.

Depois, em *uttama-adhikara* (o estágio de devoção avançada), a vida poderá tornar-se externamente tranquila. E novamente, no estágio superior, em *vilasa* (passatempos), passando por *shanta-rasa* (adoração e apreciação passivas) que é um estágio pacífico, novamente recomeça a luta, mas esta é uma luta doce. Não é organizada por *maha-maya*, mas por *yoga-maya* que nos está levando para o centro. A própria terra lá é feita de *rasa*; é *rasamaya*, repleta de sabor, é a terra do néctar, *amrtamaya-loka*. A diferença entre os dois tipos de conflito assemelha-se à experiência do homem trabalhando num deserto tórrido ou num clima bom e saudável, ou o trabalho de um homem doente e o de um saudável. É algo assim.

Existe também a expressão: “Ignorância é bem-aventurança”. Quem está na ignorância está vivendo em paz, porque não sabe de nada, encontra-se inconsciente. Essa situação também é pacífica, pois se não há consciência, não há dor. Quando um paciente sente dor, o médico quer torná-lo inconsciente através de algum anestésico e deseja mantê-lo nesse estado, pois, se acordar, experimentará tamanha dor aguda. Assim, é necessário que seja colocado em outro estado, num estado de inconsciência.

Essa inconsciência é ignorância e também tem um tipo de sabor, *tamo-guna*. Mas essa não é uma paz verdadeira. Nela não há sentimentos, é zero. Mas o zero também tem um caráter infinito. O infinito e o zero são similares. Se adicionarmos zero ao zero dá zero, e se subtraímos zero do zero temos também zero; zero dividido por zero é novamente zero. Da mesma maneira, se adicionarmos ao infinito, ou subtraímos ou dividirmos o infinito pelo infinito, o resultado permanece infinito.

Assim, “ignorância é bem-aventurança”. Se não houver consciência, não há questão de dor. É como a existência de uma pedra. Os liberacionistas extremistas alcançam um estágio tal como o de um fóssil ou de uma pedra. Eles querem paz, portanto lhes é dado um estado de paz mineral:

*ye 'nye 'ravindaksha vimukta-maninas
tvayy asta-bhavad avishuddha-bhuddhayah
aruhyā krcchrena param padam tatah
patanty adho 'nadrta-yushmad anghrayah*
(Srimad-Bhagavatam, 10.2.32)

“Ó Senhor de olhos de lotos! Embora os não-devotos que aceitam severas penitências e austeridades para alcançar a posição mais elevada possam se acreditar liberados, sua inteligência permanece impura. Eles simplesmente especulam de várias maneiras e não procuram os meios de se refugiar em Você. Por não possuírem estima alguma por Seus pés de lotos, simplesmente decaem de sua imaginada posição de superioridade de volta para a existência material.”

Aqueles que estão determinados a tornar-se “Unos”

com Ele, recebem por fim esta punição pesada de serem rebaixados a aceitarem uma existência como pedra e dessa maneira alcançam viver em paz por *lakhs, crores*, ou milhões de anos. Podem vir a se tornar um Himalaia, uma pedra, ou uma árvore. Nos *Puranas*, encontramos exemplos de personalidades que foram amaldiçoadas com tal destino; e nesse estado também existe um certo tipo de paz: “a ignorância é bem-aventurança”.

E aqueles que subiram até *santa-rasa* também encontram alguma paz. Porém, ao ingressar em Vaikuntha, há novamente vida e movimento mas que existem para o serviço. Em *dasya-rasa* existe atividade, existe conflito. Os devotos estão servindo ordens: “Faça isso, vá para lá, dê isto a eles”. Há tanto movimento, e movimento significa conflito, porém esse conflito traz paz; esse tipo de conflito se inicia em *dasya-rasa*. E *santa-rasa* é a posição marginal, a posição de inatividade na qual também existe paz mas de uma qualidade inferior:

*atmaramas ca munayo nirgrantha apy urukrame
kurvanty ahaitukim bhaktim ithham-bhuta-guno harih*
(*Srimad-Bhagavatam*, 1.7.10)

“Todas as variedades de *atmaramas* (aqueles que sentem prazer no *atma* ou no eu espiritual), especialmente aqueles estabelecidos na senda da auto-realização, embora estejam livres de todos os tipos de enredamento material, desejam prestar serviço devocional puro à Personalidade de Deus. Isso significa que o Senhor possui qualidades transcendentais e

portanto consegue atrair a todos, inclusive às almas liberadas.”

Essa é a posição marginal, que é apenas o umbral do serviço propriamente dito:

*brahma-bhutah prasannatma
na shocati na kankshati
samah sarveshu bhuteshu
mad-bhaktim labhate param
(Bhagavad-gita, 18.54)*

“A alma de coração imaculadamente puro e auto-satisfeita tendo atingido sua natureza divina consciente nem se lamenta, nem almeja nada. Vendo todos os seres com equanimidade (na concepção de Minha energia suprema), gradualmente atinge a devoção suprema, *prema-bhakti*, por Mim.”

Então, a posição marginal é uma posição de assim-chamada paz. Porém, encontramos paz dinâmica no conflito, conforme aparece externamente em *dasya*, *sakhya* e *vatsalya-rasas*, e em *madhura-rasa* e suas subdivisões, *svakya* e *parakiya*.

Suponhamos que as servas em *madhura-rasa* devam se encontrar com Krishna na floresta numa noite escura. Superficialmente, parece que terão de se esforçar (conflito) de tantas maneiras. Ao receberem o sinal, ao ouvirem uma determinada melodia da flauta de Krishna, terão de passar pela selva para chegar a um certo lugar, a uma determinada hora. Isso parece um esforço (conflito) comum, mas é o movimento mais doce.

Se “conflito” significa “movimento”, então lá, naquele

plano, onde o movimento é tão doce, o conflito é algo elevado. Mas, se considerarmos que o conflito significa algo doloroso, então esse conflito deve ser algo do plano inferior; aqui, produz dor. Todo movimento, todo esforço aqui produz apenas dor. Também há movimento no plano superior, porém esse movimento produz doçura, tal qual o sândalo que, quando esfregado, produz um aroma doce. O conflito existe com o propósito de produzir doçura.

Portanto, lá no plano mais elevado, as pessoas também estão diligentemente lutando, porém essa luta está produzindo um néctar que elas estão saboreando. Lutar também quer dizer estar ocupado; todo mundo por lá está tão ocupado, muito mais do que podemos conceber. São tão ativos, mas sua atividade não é dolorosa, produz paz. Aqui, ao tentarmos acabar com nossa vil atração pelo mundano, experimentamos um conflito doloroso. Porém, como o poeta inglês Shelley escreveu: “Nossas mais doces canções contam sobre o mais triste pensamento.” Esse tipo de conflito também nos concede paz. Quando um principiante na devoção começa a se desapegar de seu ambiente mundano, sente que deixá-lo é doloroso, mas também obtém algum tipo de paz:

*yad anucarita-lila-karna-piyusha-viprut
sakrd adana-vidhuta-dvandva-dharma vinashtah
sapadi grha-kutumbam dinam utshrijya dina
bahava iha vihanga bhikshu-caryam caranti
(Srimad-Bhagavatam, 10.47.18)*

Um devoto deixa sua família, e a família está

chorando e se lamentando; ele também sente dor por causa da angústia deles. Mas, ainda assim, sente um tipo de paz de uma qualidade mais elevada; portanto, consegue tolerar a aparente dor da separação de sua vida familiar. Quando está abandonando seu lar e sua família, sente alguma reação dolorosa, mas para além disso, no âmago de seu coração, ele sente uma perspectiva luminosa. Ao viajar para um país estrangeiro para ganhar algum dinheiro, o homem deixa sua família e, nisso, sente alguma dor, mas no fundo ele percebe que vai trazer um dinheiro que irá satisfazê-lo e permitirá que desfrute.

De modo similar, quando uma pessoa vai se preparar para deixar este mundo e sua ligação à concepção equivocada, sente dor aparente ou externamente devido ao que está fazendo, mas no fundo recebe alguma esperança de um futuro luminoso, e com essa força consegue continuar. Portanto, enquanto mantemos alguma atração por este mundo daninho e tentamos deixá-lo, nesse estágio lutamos – uma luta dolorosa. Mas, além disso, enxergamos uma luminosa esperança de algum sabor de uma vida ímpar de néctar.

Assim, luta ou conflito nem sempre significa dor. Até um certo estágio, dói, o que se deve a *maya*, a concepção equivocada. E também encontramos sintomas de dor no *Krishna-lila*, mas este não é realmente doloroso. Trata-se de uma dor aparente; apenas parece ser assim. Krishna disse que iria a determinado bosque, e Radharani foi até lá com Seu grupo, porém Ele não apareceu. A isso se dá o nome de *kalahantarita*, desencontro, isto é, ser decepcionado pelo amante ou pela amada; e existem tantas outras

situações, como de *mana* (ciúme) etc.. Todas essas coisas são dolorosas, mas como Krishnadas Kaviraja Goswami escreve, descrevendo o amor a *Krishna*: *bahye visa-jvala haya, bhitare ananda-maya*: externamente, parece haver grande dor, mas o coração está transbordando de êxtase. Assim, “Nossas mais doces canções contam do mais triste pensamento.” Externamente, é triste, mas internamente, é doce. É desse modo.

No início, quando tomamos o Santo Nome, pensamos que contar tantas rondas é nosso dever, e às vezes isso é doloroso. Porém, quando conseguimos sentir um gosto pelo Nome, então nossa tendência interna nos incita a tomar o Nome cada vez mais – não se trata de termos de terminar dezesseis voltas de qualquer jeito por uma questão de dever. Quando adquirimos *ruci*, o gosto interno por aquele serviço em particular, o mesmo torna-se jubiloso. Terá de existir alguma dor, a menos e até que adquirirmos essa posição.

Enquanto não obtivermos esse gosto e estivermos fazendo esse serviço por uma questão de dever, sentiremos alguma dor. Portanto, *sadhana-dasa* é um estágio geralmente um pouco doloroso. Depois, em *apana-dasa*, torna-se doce. Subjacente a tudo, é claro, encontra-se a doçura; senão, por que uma pessoa se sentiria tentada a se aproximar da senda espiritual? Apenas esperançosa por obter essa doçura. Mas ainda assim, se quisermos ver analiticamente, então o processo é: *sravana-dasa*, o ouvir; seguido de *varana-dasa*, a aceitação; depois, *sadhana-dasa*, da prática. Até esse ponto é um tanto doloroso. Depois, vem *apana-*

dasa, a devoção vivenciada; e, finalmente, *prapanna-dasa*, a plena autoentrega. E a dor que existir será apenas aparente; substancialmente, tudo é doce.

CORAÇÃO E AURA

O preconceito de nossa experiência passada aprisionada em nós de forma sutil encobriu os olhos de nossa alma tal como poeira. Nossa visão interna está densamente encoberta pela poeira de muitos diferentes conceitos equivocados de interesse separado, causando que ignoremos o interesse universal.

Esta cobertura mental se compõe dos preconceitos de interesse local e provinciano, e nos impede de ver a realidade: *visaya-dhulite kemane se paratattva paiye dekhite*. Como poderá uma pessoa conseguir ler a onda universal quando sua mente está plenamente absorta no interesse local de diferentes tipos? Como se pode detectar o interesse universal, a onda universal? Só quem eliminou plenamente todos os tipos de interesse local e está ansioso por compreender essa onda universal pode vê-la claramente.

Arthesv abhijnah svarat; qual o propósito de todo movimento deste mundo? A resposta é clara: “para si própria”. A realidade existe para si própria, não para satisfazer a muitos, mas para satisfazer a Um. Todas as ondas se destinam a satisfazer aquele Um, e, se conseguirmos nos colocar naquele nível, poderemos compreender a verdade; caso contrário, seremos todos enganadores.

Quando não conseguimos perceber que tudo, todas

as ondas estão fluindo para a satisfação do Um, de *svayam bhagavan*, estamos longe da verdade. Estamos nos esforçando sob um engano; somos enganadores que não só estamos enganando a nós mesmos mas também ao mundo. Somos culpados de entender tudo errado e levar este falso conhecimento aos outros. Todo mundo, todos os *baddha jivas* (almas condicionadas), são mais ou menos enganadoras. Essa é nossa posição e, se quisermos ser colocados em nossa devida posição, devemos nos livrar de tal equívoco, de tal logro de nosso próprio ser bem como do meio-ambiente.

Nisso, poderemos ir até lá e descobrir essa onda universal, evê-la: ter um *darshan*. *Darshan* significa ‘ver’, e é preciso aprender a maneira de se ver. Conhecimento e educação adequados significam saber o que ver, como interpretar o que está acontecendo, tanto em mim quanto fora de mim. A educação adequada consiste numa compreensão de nosso próprio ser e também do meio-ambiente. A educação deve ser védica, ou seja, o padrão deve ser obtido de fora desta área de *maya*, desta compreensão equivocada; deve ser obtido da região perfeita através do *veda*, a verdade revelada.

Devemos aceitar a verdade revelada e darmos adeus ao conhecimento dito científico e a outros tipos de percepção, todos errôneos e baseados numa experiência e informação falsas. “Isto pertence a mim; isso pertence a ele; aquilo pertence a eles”. Esse tipo de avaliação é totalmente falsa.

Então, precisamos ser curados, temos de conseguir a cura integral desta mania, deste conceito equivocado. E não só devemos nos curar deste conceito equivocado,

de compreender erroneamente as ondas externas, mas também precisamos obter uma posição positiva, aprender a entender a onda, a vibração de Goloka. Goloka é o plano mais universal, mais fundamental, e se pudermos nos harmonizar com esse plano, seremos guiados a Vrindavan, ou a Navadwip, e então veremos as coisas tal como elas são.

Alguns se sentem mais atraídos pelo *Krishna-lila*, outros mais por *Navadwip-lila*, e outros ainda possuem inclinação a se acomodarem em ambos locais. Em *Krishna-lila* também alguns são atraídos ao campo de Radharani, outros ao campo de Krishna e outros se mantém na posição mediana. Encontramos esse tipo de divisão administrada por *yoga-maya* pois é necessário para o *lila*.

Então, no plano mais elevado, encontramos dois tipos de passatempos, *Krishna-lila* e *Gaura-lila*, e eles têm o mesmo valor. Num, temos transação dentro de um campo ‘limitado’ e no outro temos a transação adicionada de uma tendência a distribuí-la aos outros. Mas ambos têm o mesmo valor. Aquilo que está sendo distribuído e aquilo que está sendo desfrutado equivalem em êxtase, em doçura, em amor e em beleza. Uns são mais atraídos a um dos *lilas*, e outros pelo outro.

No *Gaura-lila* também encontramos aqueles como Narahari Sarkara e seus seguidores que sentiam mais inclinação a Krishna do que a Gauranga, e outros que se inclinavam mais por Gauranga que por Krishna. Tudo isso acontece pela concessão do Senhor, pela vontade Suprema – Seu *lila*.

No *Gaura-lila*, Gadadhar Pandit está segurando o leme, tudo pertence a ele; ainda assim, ele tem de admitir

que está destituído, que Gauranga tomou tudo! Ele se dedica exaustivamente a Gauranga. Portanto, Srila Kaviraja Goswami diz: *teho lakshmi-rupa, tara sama keha nai*, que Sri Gadadhar representa a principal potência de Gauranga, e ninguém se compara a ele. Essa é a conclusão de Srila Kaviraja Goswami sobre Sri Gadadhar. Ele é *gaura-prema-maya*, a encarnação do amor de Sri Gaura.

Gadadhar Das representa a áura de Radharani, mas Gadadhar Pandit representa o humor dEla, a natureza dEla – Seu coração (*). É como se Mahaprabhu tivesse retirado a alma de Gadadhar Pandit, e o corpo ainda estivesse de pé! Esta é a posição de Gadadhar Pandit; ele está completamente vazio e seguindo a Mahaprabhu. Ele não é pleno em si. Aquele algo, a coisa mais importante, seu coração, foi tomado por Mahaprabhu, portanto ele não tem outra alternativa a não ser seguí-lo. Ele está totalmente entregue a Mahaprabhu. A posição de Gadadhar, o papel que ele atuava, era semelhante ao de Radharani, com Seu coração roubado por Krishna, o corpo esvaziado, mantendo-se ainda de

(*) Nos comentários ao *Sri Chaitanya-charitamrta* de Srila A.C. Bhaktivedanta Swami (*Adi-lila* 10.15) é dito que Srila Gadadhar Pandit, o quarto membro da árvore de Chaitanya, é a combinação de Srimati Radharani com Lalita-sakhi. No Pancatattva, Srila Gadadhar Pandit representa a potência interna ou a potência de prazer do Senhor.

No *Adi-lila* 10.53, se explica que Srila Gadadhara Das, vigésimo terceiro membro da árvore Chaitanya, é considerado como sendo uma forma unida de Chandrakanti, que é a refúlgencia de Srimati Radharani, e Purnananda, quem é a principal e muito querida namorada do Senhor Balarama. Desse modo, Srila Gadadhar Das era um dos associados tanto de Cahitanya Mahaprabhu quanto de Nityananda Prabhu.

pé. *Radha-bhava-dyuti-subalitam naumi Krishna-svarupam*: Ele estava plenamente absorto na concepção de Sri Gauranga. Gauranga havia tomado tudo dele, assim, ele não tinha alternativa; estava completamente absorto, totalmente capturado por Ele.

Verificamos que sua atividade foi assim durante toda sua vida. Alguns dos demais devotos receberam a ordem de ir para Vrindavan, outros ganharam a permissão para ir até lá, mas, embora Gadadhar Pandit desejasse muito visitar Vrindavan com o próprio Mahaprabhu, isso lhe foi negado: “Não, você não irá”. Quando Jagadananda Pandit pediu para ir até lá, Mahaprabhu, hesitando, deu-lhe permissão: “Sim, vá até lá, porém aja sempre sob a orientação de Rupa e Sanatana”. Ele também lhe deu algumas instruções especiais: “Faça isto e isso e não faça aquilo”. Mas Gadadhar Pandit não teve permissão de ir até lá.

Ele era a representação da própria Srimati Radharani, contudo sua posição peculiar era esta: ele era a Rainha de Vrindavan agora transferida para Navadvip. Sua posição havia se tornado exatamente o oposto; ele não podia entrar em Vrindavan! Ele orou pela permissão, porém Mahaprabhu não deu. Disse: “Não, fique aqui e viva aqui.” E ele teve de obedecer. Sri Gadadhar Pandit representa a metade predominada do Todo. O Todo consiste das metades predominante e predominada, e ele representa a metade predominada. Ele é metade da Verdade Absoluta.

Nos ensinamentos de Srila Bhaktivinoda Thakura, cuja pregação foi inspirada por Sri Gadadhar Pandit e Sri man Mahaprabhu, também encontramos toda substância que está presente naquele plano de vibração.

Estas duas personalidades, Sri Gadadhar Pandit e Srila Bhaktivinoda Thakur, são nossos grandes Gurus, nossos guias, e ao oferecermos nossa adoração a eles podemos semejar a semente de nosso maior benefício. Pela graça desse grande Guru-Maharaj Bhakti Siddhanta Saraswati Goswami Prabhupada, fomos capazes de compreender isso.

E Bhaktivinoda Thakura, embora tenha em geral sua posição própria, conforme compreendido a partir da consideração do discípulo, Prabhupada Bhakti Siddhanta Saraswati Thakura viu Srimati Radharani nele: uma visão ‘relativa’. Certa vez, ele disse que Radharani representa a plena encenação de *asta-nayika*, as oito características da heroína; vemos que elas estão todas perfeitamente representadas nEla. Em outros lugares, poderemos encontrar uma representação parcial delas, porém as encontramos plenamente manifestas apenas nEla.

Ele disse: “Vejo meu *gurudeva* como *Guna-manjari* e sob essa forma de *manjari* ele possui alguma representação parcial de Radharani. Mas se tento ver mais profundamente, descubro-o completamente identificado com Ela; os oito tipos de qualidades mostrados no serviço de Krishna (*asta-nayika*) podem ser encontrados nele. Se olho para ele com minha cabeça um pouco mais ereta, consigo ver que ele é uno com Radharani. *Acharyam mam vijaniyat*: conheça o Acharya como sendo Eu mesmo. Se dou mais atenção à regra escritural e tento buscar pelo significado, descubro que Radharani vem para assumir Seu lugar ali, na posição de meu *gurudeva*”. Foi desse modo que ele viu em Bhaktivinoda Thakura a mais completa

representação do culto de Sri Gauranga.

Esta realização se expressa num poema em que ele diz que viu Svarupa Damodara Goswami em Gaura-Kishor Dasa Babaji, e Sri Gadadhar Pandita em Srila Bhaktivinoda Thakura. Ele escreveu: *gadadhara-din dhari' pailacche gaura-hari*, que ele aceitou o dia do desaparecimento de Srila Bhaktivinoda Thakura como identificado com o de Sri Gadadhar Pandit. Em seu poema na conclusão de seu comentário ao *Sri Chaitanya-charitamrta*, ele escreveu: “Aqui, em *Navadvip-dhama*, os passatempos eternos estão acontecendo continuamente; só aqueles que têm essa visão profunda conseguem percebê-lo.”

*gadadhara mitra-vara, sri svarupa damodara
sada kala gaura-krsna yaje
jagatera dekhi' klesha, dhariya bhikshuka-vesha
aharahah krsna-nama bhaje*

*sri gaura icchaya dui, mahima ki kava mui,
aprakrti parisada-katha
prakata haiya seve, krsna-gaurabhima-deve,
aprakasya katha yatha tatha*

Ele diz: “É muito difícil perceber a doce vontade de Sri Gauranga, mas se conseguirmos nos elevar a esse nível, veremos que Svarupa Damodar Goswami e Sri Gadadhar Pandit estão sempre ocupados em seu serviço aqui em Navadvip. Às vezes, isso é oculto, e outras vezes vem à superfície. Nesse plano, tudo está ocorrendo pela doce vontade de Sri Gauranga, sem qualquer restrição. Porém, agora verifico que os dois

apareceram na superfície como Srila Gaura-Kishora Dasa Babaji e Srila Bhaktivinoda Thakura. Eu vi isto com meus próprios olhos do serviço divino. Entretanto, isto não deve ser divulgado, nem receber publicidade em lugar algum; as pessoas rirão disso. Mas esta é a minha conclusão de todo coração". Ele escreveu isso em seu poema de conclusão ao *Sri Chaitanya-charitamrita*.

Portanto, Gadadhar Pandit foi identificado com Srila Bhaktivinoda Thakura. Essa era a visão de nosso Gurudeva, Srila Bhakti Siddhanta Saraswati Thakura. Ele podia ver neles a mesma identidade. Ele considerou que o *shiksha-guru parampara* era o que há de mais substancial. Eliminando o *sahajiya-vada* que dá muita importância à cobertura externa, tente olhar para dentro, e ver as coisas mais profundamente. Tente compreender as vibrações mais profundas do meio-ambiente externo, e olhe para dentro de si próprio também. Mergulhe fundo e você encontrará o plano da mais fina vibração que lhe trará esta notícia, e verá essa verdade.

* * *



Sri Chaitanya Mahaprabhu

SRI CHAITANYA SARASWAT MATH

Kolerganj, P.O. Navadwip, District Nadia
W. Bengal, PIN 741302, Índia

Um Convite ao Leitor

Pessoas interessadas no conteúdo deste livro estão convidadas a tornar-se sócios d'**O CLUBE DO LIVRO VAISNAVA** da Sri Chaitanya Saraswat Math. Ao fazê-lo, passarão a receber as publicações mensais.

Para maiores informações e outras publicações:

O CLUBE DO LIVRO VAISNAVA

Rua Mário de Andrade, 108
Caucaia do Alto - Cotia - SP
06720-000

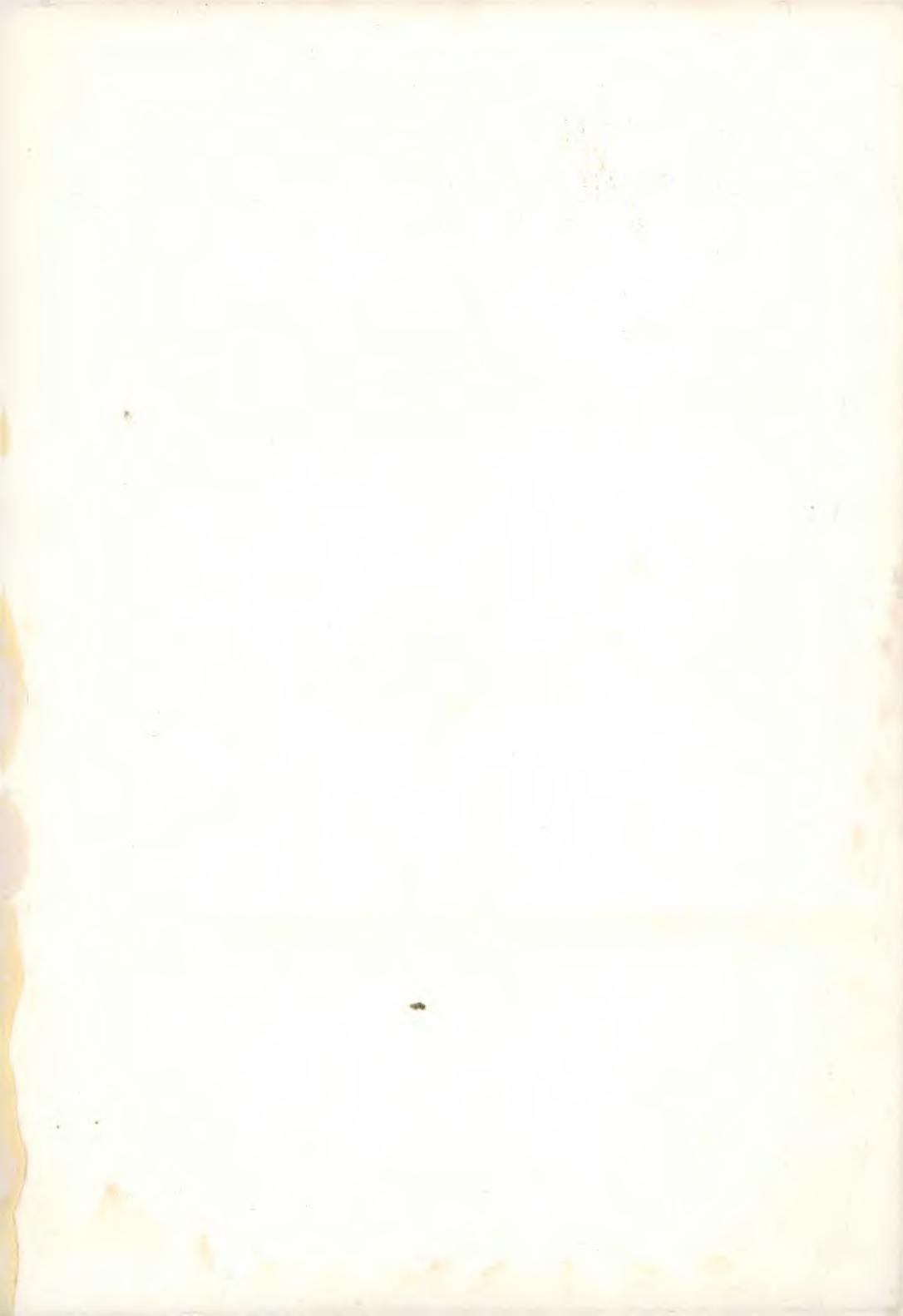
011 7921-1253

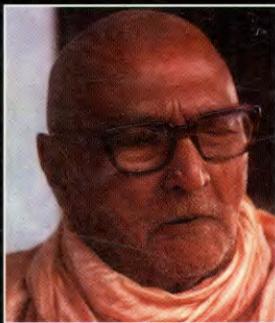
bhuvana@u-net.com.br

Visite o Sri Chaitanya Saraswat Math na Internet:
www.lcd.com./math/









“O preconceito de nossa experiência passada aprisionada em nós de forma sutil encobriu os olhos de nossa alma tal como poeira. Nossa visão interna está densamente encoberta pela poeira de muitos diferentes conceitos equivocados de um interesse separado, causando que ignoremos o interesse universal.

Esta cobertura mental se compõe dos preconceitos de um interesse local e provinciano, e nos impede de ver a realidade... Como poderá uma pessoa conseguir ler a onda universal quando sua mente está plenamente absorta nos diferentes tipos de interesse local? Como se pode detectar o interesse universal, a onda universal? Só a pessoa que eliminou plenamente todos os tipos de interesses locais e está ansiosa por compreender essa onda universal pode vê-la claramente.”

**CLUBE
DO LIVRO
VAISNAVA**